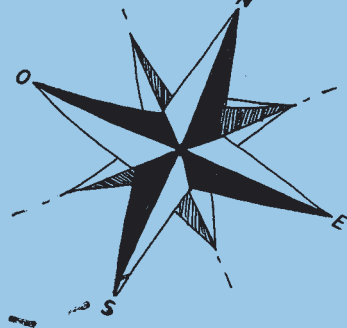


P9 – 9.º ANO
Português



LIVRO DE TESTES

CARLA DIOGO

MATERIAL EXCLUSIVO
Professor

- ✓ 7 testes escritos
- ✓ 7 testes de compreensão oral
- ✓ Cenários de resposta



Texto

Teste 1	2
Teste 2	10
Teste 3	17
Teste 4	24
Teste 5	32
Teste 6	40
Teste 7	48
Teste de compreensão oral 1	54
Teste de compreensão oral 2	55
Teste de compreensão oral 3	56
Teste de compreensão oral 4	57
Teste de compreensão oral 5	58
Teste de compreensão oral 6	59
Teste de compreensão oral 7	60
Cenários de resposta	61

Nota: Este livro de testes foi redigido conforme o novo Acordo Ortográfico

Teste 1

Unidade 1 – Crónicas e Contos

GRUPO I

Parte A

Lê os textos seguintes.

A volta ao mundo em 80 livros – parte 1

A volta ao mundo em 80 livros. Conheça aqui as escolhas de Afonso Cruz e Carlos Vaz Marques.

Afonso Cruz

- *Anatomia da Errância*, de Bruce Chatwin
- *Um Bárbaro na Ásia*, de Henri Michaux
- *Do Monte Sinai à Ilha de Vénus*, de Nikos Kazantzakis
- *Diários de Viagem*, de Eduardo Salavisa (org.)
- *O Caminho Estreito para o Longínquo Norte*, de Matsuo Basho

Carlos Vaz Marques

- *A Viagem dos Inocentes*, de Mark Twain
- *Jerusalém, Ida e Volta*, de Saul Bellow
- *Viagem de autocarro*, de Josep Pla
- *Caminhar no Gelo*, de Werner Herzog
- *O Colosso de Maroussi*, de Henry Miller

5 O universo é sobretudo espaço entre as coisas. O motivo é óbvio: o universo foi feito para viajar. Há muitas estrelas, mas, entre elas, há pouquíssimos lugares para se ser sedentário. Há uns planetas, verdade, onde se encontra a melhor hotelaria, mas pouco mais. E nessa vastidão anda tudo a errar, exceto alguns homens que nunca viajam, nem para fora deles mesmos, nem para dentro deles mesmos, são como aqueles pássaros que não fogem quando lhes abrem a gaiola. É sobre isto que fala Kazantzakis.

10 Ao ser-me pedida uma lista de cinco livros de viagens de que gosto especialmente, hesitei entre as viagens já realizadas e as viagens ainda por fazer. Lembrei-me de imediato dos dez já publicados na coleção que coordeno para a Tinta-da-china e de como, por razões diferentes, gosto de cada um deles à sua maneira. Mas esses estão aí disponíveis para quem quiser descobri-los. Sendo assim, a minha lista é uma lista de viagens futuras. Cinco livros de que também gosto particularmente e que, mais tarde ou mais cedo (alguns deles, muito em breve), vão ter edição portuguesa. Se tiver de destacar um, desculpem o clichê, mas é o próximo. É sempre o próximo. E o próximo é 15 *A Viagem dos Inocentes*, com as gargalhadas que Mark Twain nos faz dar até a respeito de nós próprios, os portugueses, nesta extraordinária viagem à Europa. O facto de 2010 ser ano de centenário de Twain acrescenta um aspeto comemorativo a esta edição, naturalmente. Mas essencial é descobrir como está vivo (e nos faz sentir tão vivos) este escritor extraordinário que morreu há precisamente cem anos. 25

Jornal de Letras, 24 de julho de 2012 (adaptado)

A volta ao mundo em 80 livros – parte 2

Prosseguimos a volta ao mundo em 80 livros, recuperando o tema que publicámos no verão de 2010. Conheça agora as escolhas de Hélia Correia e José Eduardo Agualusa. Até porque ler é a melhor forma de viajar.

Hélia Correia

- *Caderno Afegão e Oriente Próximo*, de Alexandra Lucas Coelho
- *Recollections of a tour made in Scotland*, de Dorothy Wordsworth
- *The Dictionary of Imaginary Places*, de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi
- *Viagens com Garrett*, de Isabel Lucas e Paulo Alexandrino
- *O Colosso de Maroussi*, de Henry Miller

José Eduardo Agualusa

- *Goa and the Blue Mountains*, de Richard Burton
- *Longe de Manaus*, de Francisco José Viegas
- *Mongólia*, de Bernardo de Carvalho
- *Na Patagónia*, de Bruce Chatwin
- *Vou lá visitar pastores*, de Ruy Duarte de Carvalho

Na impossibilidade de recomendar o mais precioso livro de viagens que existe na minha biblioteca – *Imagens da Grécia*, de Maria Madalena Monteiro, aliás da dr.^a Maria Helena da Rocha Pereira, em edição da autora de 1958 –, por não estar acessível ao leitor, dedico umas palavras a um livro que converte o que pareceria ser um simples itinerário entre literatos numa invulgar experiência espiritual. Numa das suas últimas entrevistas, Miller elegeu *O Colosso de Maroussi* como a sua obra mais amada. Ele viajou para a Grécia nas vésperas da 2.^a Guerra Mundial com o intuito primeiro de visitar Lawrence Durrell (autor de outras excelentes impressões do país). O que há de extraordinário nestas páginas é que o mais improvável dos peregrinos, um americano deslumbrado com Paris, tenha entendido tão profundamente a linguagem antiquíssima do chão grego.

15 Deste conjunto destaco *Vou lá visitar pastores*, de Ruy Duarte de Carvalho, por ser uma mistura única entre relato de viagens, ensaio de antropologia e pura poesia. Creio que é um livro destinado a ser, daqui a 100 anos, um dos grandes clássicos da literatura angolana, um livro fundador, à semelhança d'*Os Sertões*, de Euclides da Cunha, ou de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre.

Jornal de Letras, 24 de julho de 2012 (texto adaptado)

1. Associa cada elemento da **coluna A** ao elemento da **coluna B** que lhe corresponde, de acordo com o sentido dos textos e de modo a identificares as afirmações de cada um dos autores. (5 pontos)
- Os números poderão ser usados mais do que uma vez.

Coluna A	Coluna B
a) Alusão a uma obra que poderá tornar-se uma referência literária futura.	1. Afonso Cruz
b) Listagem de viagens ainda por realizar.	
c) Convicção de que o número de seres humanos que nunca viajaram, dentro ou fora de si próprios, é muito reduzido.	
d) Referência ao centenário da morte do autor de um livro de viagens.	2. Carlos Vaz Marques
e) Livro em que o autor, apesar de estrangeiro, revela um profundo conhecimento do país para onde viajou.	
f) Menção explícita a um livro com características poéticas.	
g) Defesa da ideia de que o universo é um vasto espaço de viagem.	3. Hélia Correia
h) Obra ainda por publicar que, na opinião do crítico, provocará riso no leitor.	
i) Referência ao autor que viajou para a Europa numa época politicamente conflituosa.	4. José Eduardo Agualusa
j) Obra que não está acessível ao público em geral.	

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido dos textos. (4 pontos)
- 2.1 As opiniões apresentadas a propósito dos livros de viagens têm em comum o facto de todas incluírem
- pelo menos duas referências a autores estrangeiros.
 - apenas referências a autores de língua estrangeira.
 - pelo menos duas referências a autores portugueses.
 - pelo menos uma referência a um autor português.
- 2.2 A expressão «alguns homens que nunca viajam, nem para fora deles mesmos, nem para dentro deles mesmos, são como aqueles pássaros que não fogem quando lhes abrem a gaiola» (linhas 6-8 do primeiro texto) contém
- uma personificação.
 - uma adjetivação.
 - uma comparação.
 - uma antítese.

2.3 O autor que sugere o maior número de títulos em português, escritos por autores de expressão portuguesa é

- a) Hélia Correia.
- b) José Eduardo Agualusa.
- c) Carlos Vaz Marques.
- d) Afonso Cruz.

2.4 Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do primeiro texto.

- a) O pronome «que» (linha 6) refere-se a «homens».
- b) O pronome «lhes» (linha 8) refere-se a «aqueles pássaros».
- c) «-los» (linhas 15-16) refere-se a «esses».
- d) «que» (linha 26) refere-se a «este escritor extraordinário».

3. Transcreve duas passagens que exprimam um ponto de vista crítico de dois dos autores sobre os livros escolhidos. (2 pontos)

4. Com base nos teus conhecimentos sobre os textos de imprensa, indica quais as afirmações falsas e quais as verdadeiras, apresentando uma alternativa verdadeira para as frases falsas. (3 pontos)

- a) O interesse de uma notícia tem em conta fatores como a atualidade e a proximidade.
- b) O texto de imprensa onde predomina o discurso direto é a entrevista.
- c) A crónica está dependente da atualidade e a linguagem pode ser subjetiva.
- d) A reportagem é um texto curto e utiliza uma linguagem objetiva.
- e) Na crítica, é visível o ponto de vista do jornalista.
- f) A publicidade tem uma função exclusivamente comercial.

Parte B

Lê o excerto da crónica «Um silêncio refulgente».

Acho que a coisa mais importante que me aconteceu na vida foi uma viagem de cerca de um mês, a Itália, com o meu avô. O meu avô guiava e eu sentado ao lado dele, com um volante de plástico, fingia que guiava também. O carro era um *Nash* encarnado. O meu volante de plástico tinha, ao centro, uma bola de borracha. Apertando, a bola emitia um som que na minha fantasia era uma buzina.

5 O barulho do motor, arranjava-o com a boca, de forma que não havia dúvidas de ser eu quem conduzia o automóvel. De vez em quando o meu avô fazia-me uma festa no pescoço. É engraçado, mas ainda sinto os dedos dele.

Durante os dois primeiros dias o cheiro da gasolina enjoou-me e vomitava para cartuchos de papel. Íamos ficando em hotéis pelo caminho. Lembro-me dos gelados que comi em Saragoça, lembro-me de assistir a uma tourada em Barcelona com Luis Miguel Dominguin e ter ido ao teatro ver Carmen Sevilha.

10 Estive apaixonado por ela até aos doze anos, altura em que assisti a *Os dez Mandamentos* e a troquei por Anne Baxter, a mulher do faraó. Nem Carmen Sevilha nem Anne Baxter me deram troco por aí além. As paixões demoravam a passar nesta época, em que tudo

era lento. Dias compridíssimos, desses que demoravam séculos a nascer. O meu padrinho dava-me
15 dinheiro por dentes de leite. Se eu fosse jacaré estava rico.

Depois foi a França. A torre Eiffel pareceu-me uma coisa por acabar, que julgava que só existia dentro dos pisa-papéis. Voltava-se ao contrário e um remoinho de palhetas doiradas esvoaçava ao redor daquilo. Talvez o meu avô tivesse força para voltar a de Paris mas por um motivo que me escapa não o fez, e portanto não houve palhetas doiradas nenhuma. Ainda pensei em pedir-lhe. Respeitei o seu desinteresse pelos pisa-papéis e, dececionado, afastei o pescoço quando os dedos vieram.
20 Já a seguir, claro, arrependi-me: se calhar o meu avô ia voltar-me, a mim, ao contrário, e eu cercado de palhetas doiradas. Voltando a Portugal oferecia-me ao marido da costureira e iria ficar lindamente em cima do rádio. Como me diziam sempre

– Tão bonito, tão loiro

25 cumpriria decerto, às mil maravilhas, uma vocação de bibelô. Seguia-se a Suíça onde, em Berna, uma bicicleta me veio a atropelar, o que me pareceu uma falta de grandeza. O sujeito da bicicleta, que cuidava pedalar um camião, desceu do selim para apanhar os meus restos. Para tranquilidade do marido da costureira encontraram-me intacto. O suíço

(há suíços com alma)

30 partiu a pedalar, de calças presas com molas de roupa como ourives da feira de Nelas. Para os imitar, amarelo de inveja, pinçava molas nos calções antes de me instalar no triciclo, e a pensar no triciclo cheguei a Pádua: com um volante de plástico e uma buzina de borracha alcança-se Itália num rufo. Itália, de início, pareceu-me o sítio para onde os suíços varriam o lixo deles, ou seja uma espécie de Portugal com mais pedras e as construções que os romanos se esqueciam de completar: umas
35 colunas, um bocado de teto, umas porções de mosaico, mais ou menos o jardim dos meus pais depois de eu ter andado por ali com uma fisga. Ao ver o Coliseu tive a certeza de que o meu irmão Pedro já lá estivera antes. Com um martelo. Explicaram-me haver sido construído por um sujeito que inventou o arco e não foi capaz de parar. O nosso objetivo, no entanto, era Pádua, para a primeira comunhão na igreja do Santo com o meu nome. Aí o meu avô tocou no túmulo com a mão, e man-
40 dou-me tocar no túmulo com a mão:

– Promete-me que quando tiveres um filho o trazes aqui.

Foi a única altura em que lhe vi os olhos cheios de lágrimas. Assim os dois sozinhos. Deu-me um abraço, beijou-me, e nunca ninguém me abraçou e beijou como ele. Para quem olhasse de fora podia ser um bocadinho esquisito: um homem a abraçar uma criança e um volante de plástico. Para mim
45 foi o momento de mais intenso amor da minha vida.

António Lobo Antunes, *Segundo Livro de Crónicas*, D. Quixote, 2002

Vocabulário

¹ **Carmen Sevilha**: atriz espanhola, cantora, dançarina e apresentadora de TV, famosa na década de 50 do século XX.

² **Anne Baxter**: atriz norte-americana, popular nas décadas de 40 e 50, nomeada para diversos óscares.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

- | | |
|---|------------|
| 5. Indica o acontecimento que deu origem a esta crónica. | (5 pontos) |
| 6. Identifica o tempo verbal predominante no primeiro parágrafo e justifica a sua utilização. | (6 pontos) |
| 7. Explica de que modo é visível o entusiasmo do narrador durante a viagem com o avô. | (6 pontos) |

8. Relê as seguintes palavras do narrador. (7 pontos)
- «A torre Eiffel pareceu-me uma coisa por acabar, que julgava que só existia dentro dos pisa-papéis.»
- Indica dois motivos através dos quais se torna evidente que o narrador é uma criança durante a viagem com o avô, a partir das informações presentes no terceiro parágrafo.
9. Identifica, entre o sétimo e o último parágrafos, dois aspetos que contribuam para a caracterização indireta do narrador enquanto criança. (6 pontos)

Parte C

10. Depois de terem lido este texto na aula, a Eva e o Francisco fizeram os comentários seguintes: (6 pontos)
- Eva: *Parece-me que este texto transmite uma mensagem sobre a importância do afeto.*
- Francisco: *Quanto a mim, o texto contém uma mensagem sobre a importância da viagem na vida do ser humano.*
- Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, em que, de entre os dois comentários, defendas aquele que te parece mais adequado ao sentido do texto da Parte B.
- O teu texto deve incluir uma parte de introdução, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.
- Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir:
- Indicação do comentário que, na tua opinião, é mais adequado ao sentido do texto.
 - Justificação da escolha desse comentário através de uma transcrição que evidencie a ideia que estás a defender.
 - Explicitação do ponto de vista do narrador em relação à sua viagem com o avô.
 - Referência às características psicológicas do narrador e do avô.
 - Apresentação do teu ponto de vista sobre a relação do narrador com o avô e a importância da viagem a Itália.
- Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (exemplo: /2011/).

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

11. Lê a seguinte frase. (8 pontos)
- «Voltando a Portugal oferecia-me ao marido da costureira e iria ficar lindamente em cima do rádio. Como me diziam sempre – Tão bonito, tão loiro»
- Na passagem transcrita, identifica:
- a) os advérbios e seu valor;
 - b) uma locução adverbial;

- c) o adjetivo e respetiva subclasse;
- d) dois nomes, bem como a sua subclasse, género, número e grau;
- e) uma forma verbal não finita;
- f) uma forma verbal finita, bem como o tempo, o modo e a pessoa em que se encontra conjugada;
- g) duas preposições simples e uma contração de preposição.

12. Lê a frase seguinte. (2 pontos)

«Se eu fosse jacaré estava rico.»

Reescreve a frase, usando o adjetivo no grau superlativo absoluto analítico.

13. Identifica o grau em que se encontra o adjetivo presente na frase abaixo. (2 pontos)

«Dias compridíssimos, desses que demoravam séculos a nascer.»

14. Completa cada uma das frases seguintes com a forma do verbo apresentado entre parênteses, no tempo e no modo indicados. (4 pontos)

Escreve a letra que identifica cada espaço, seguida da forma verbal correta.

a) Pretérito perfeito simples do indicativo

O narrador _____ (querer) que o avô virasse a torre Eiffel ao contrário.

b) Pretérito imperfeito do conjuntivo

Caso _____ (haver) outra oportunidade, o narrador voltaria a viajar com o avô.

c) Pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo

Se o narrador _____ (ver) a bicicleta, teria evitado o acidente.

d) Pretérito perfeito composto do conjuntivo

Talvez o narrador já _____ (contar) a história da viagem com o avô aos seus netos.

15. Relê a frase. (3 pontos)

«(...) se calhar o meu avô **ia** voltar-me, a mim, ao contrário, e eu cercado de palhetas doiradas.»

Conjuga o verbo destacado no presente do conjuntivo em todas as pessoas e números.

15.1 Classifica o verbo a que pertence a forma verbal destacada como regular ou irregular e indica a respetiva conjugação. (1 ponto)

16. Associa cada elemento da **coluna A** ao único elemento da **coluna B** que lhe corresponde, de modo a identificares o tipo de sujeito presente em cada frase. (5 pontos)

Coluna A	Coluna B
a) «Estive apaixonado por ela até aos doze anos.»	1. Sujeito simples
b) «Nem Carmen Sevilha nem Anne Baxter me deram troco por aí além.»	2. Sujeito composto
c) «O nosso objetivo, no entanto, era Pádua.»	3. Sujeito nulo subentendido
d) «com um volante de plástico e uma buzina de borracha alcança-se Itália num rufo»	4. Sujeito nulo indeterminado

GRUPO III

Escreve um texto a partir de um dos temas propostos.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

A

Como sabes, a crónica é um texto com características diversificadas, que apresenta o ponto de vista do seu autor em relação a um determinado assunto.

Escreve uma **crónica** que pudesse ser publicada no jornal da tua escola, a partir de um acontecimento mais pessoal ou de um assunto de interesse mais geral.

Escolhe o registo principal da tua crónica:

- narrativo, se optares por apresentar um ponto de vista pessoal sobre um determinado acontecimento;
- descritivo, se optares por apresentar um ponto de vista pessoal sobre as características de um espaço, um objeto, uma personagem.

Atribui um título à tua crónica.

B

À semelhança dos autores mencionados na Parte A e do narrador na Parte B, também já te marcou, com certeza, algum livro que leste ou filme que viste.

Tendo em conta a leitura ou o visionamento do filme, escreve um **comentário crítico** sobre esse objeto artístico que te marcou.

Em ambos os casos, o teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

FIM

Observações relativas ao Grupo III:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2008/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - a um texto com extensão inferior a 60 palavras é atribuída a classificação de 0 (zero) pontos;
 - nos outros casos, um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos) do texto produzido

GRUPO I

Parte A

Lê a crónica de Maria Judite Carvalho «A Geração Lunar».

Era uma garotinha pequena de visita a um palácio, o da vila de Sintra, creio eu. Ou seria o de Queluz? Um palácio real em todo o caso, daqueles de salas imensas, e móveis importantes, de museu, agressivamente dignos, afetados, saídos das mãos de um autor conhecido, como os quadros e as estátuas. Quem pode conviver com um móvel assim?

5 A menina parou, olhou, observou com atenção. Teria seis, sete anos. Depois de muito olhar, de por assim dizer entrar ou tentar entrar no ambiente, voltou-se para os pais e disse, lamentando muito: «Como esta pobre gente vivia!»

Os presentes sorriram e até riram com vontade. Com que então aquela pobre gente! Com que então... Pois claro, aquela pobre gente sem aparelho de rádio nem televisão, que aborrecimento naquelas
10 grandes salas doiradas, sem ir ao cinema sequer, naquela imensa cozinha sem máquinas. Não, aquilo já não servia para os sonhos de oito anos (ou sete). Isso era dantes, quando nós éramos crianças e lidávamos com princesas e príncipes encantados. A miudinha, ali, era porém produto de uma civilização diferente, sem estúpidos e velhos sonhos de palácio, com desejos mais modestos muito mais confortáveis e fabulosos, como estar sentado na sala de estar sem doirados nem móveis de autor, a ver no pequeno
15 ecrã os homens a passear na Lua. Sim, sim, ela, a menina, tinha razão. Porque aquela pobre gente nem sequer suspeitava. Para ali estava naquelas grandes salas luxuosas, sem nada saber de uma próxima geração lunar. Que nós ainda achamos maravilhosa. Que para a menina, ali, no palácio real, é tão natural talvez como respirar. Como aquela pobre gente vivia.

Diário de Lisboa, 26.01.71

Maria Judite de Carvalho, «A Geração Lunar», *Este Tempo*, Caminho, 2007

1. Selecciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. (6 pontos)

1.1 Na perspetiva da cronista, expressa no primeiro parágrafo, os móveis daquele museu caracterizavam-se por serem sobretudo

- a) banais.
- b) perfeitos.
- c) nobres.
- d) antigos.

1.2 Na expressão «Quem pode conviver com um móvel assim?» (linha 4), está presente

- a) uma frase interrogativa usada para fazer uma pergunta.
- b) uma frase imperativa usada para fazer um pedido.
- c) uma frase imperativa que corresponde a um chamamento.
- d) uma frase interrogativa usada para exprimir um ponto de vista crítico.

- 1.3 A frase «Como esta pobre gente vivia!» (linha 7), apresenta o ponto de vista
- a) da cronista.
 - b) dos pais da menina.
 - c) da menina.
 - d) dos outros visitantes do museu.

- 1.4 Na expressão «Com que então (...)» (linha 8), o uso das reticências pretende
- a) exprimir dúvida.
 - b) manifestar surpresa.
 - c) interromper uma ideia.
 - d) indicar que a frase não terminou.

2. Associa cada elemento da **coluna A** ao elemento da **coluna B** que lhe corresponde, de acordo com o sentido do texto e de modo a identificares o valor semântico do advérbio destacado. (4 pontos)

Coluna A	Coluna B
a) «(...) móveis importantes, de museu, agressivamente dignos, afetados, saídos das mãos de um autor conhecido, como os quadros e as estátuas.»	1. Valor de quantidade e grau
b) «(...) voltou-se para os pais e disse, lamentando muito »	2. Valor de negação
c) « Não , aquilo já não servia para os sonhos de oito anos (...)»	3. Valor de tempo
d) «Que nós ainda achamos maravilhosa.»	4. Valor de exclusão
	5. Valor de modo

3. Classifica cada uma das afirmações seguintes (3.1 a 3.5) como verdadeira ou falsa, apresentando uma alternativa verdadeira para as frases falsas. (5 pontos)
- 3.1 Apesar da estranheza relativamente ao espaço, a menina tentou integrar-se no ambiente.
 - 3.2 Os visitantes do museu sorriram face ao uso adequado do adjetivo.
 - 3.3 Esta crónica apresenta os pontos de vista de duas gerações diferentes.
 - 3.4 Para a geração da cronista, as viagens à Lua são perspectivadas como um facto usual.
 - 3.5 Segundo a cronista, a estranheza da menina deveu-se ao facto de as salas do palácio serem imensas e vazias.
4. Identifica o antecedente do pronome sublinhado na frase: «**Que** nós ainda achamos maravilhosa». (1 ponto)
5. Indica duas características que permitam classificar este texto como uma crónica. (2 pontos)
6. A partir do ponto de vista da cronista, indica uma consequência do avanço da tecnologia. (2 pontos)
Transcreve uma expressão onde esteja presente a ironia utilizada pela cronista para referir este facto.

Parte B

Lê o texto de Eça de Queirós. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado no final.

Ao fundo, e com um altar-mor, era o gabinete de trabalho de Jacinto. A sua cadeira, grave e abacial¹, de couro, com brasões, datava do século XIV, e em torno dela pendiam numerosos tubos acústicos, que, sobre os panejamentos de seda cor de musgo e cor de hera, pareciam serpentes adormecidas e suspensas num velho muro de quinta. Nunca recordo sem assombro a sua mesa, recoberta toda de sagazes e subtis
5 instrumentos para cortar papel, numerar páginas, colar estampilhas², aguçar lápis, raspar emendas, imprimir datas, derreter lacre³, cintar documentos, carimbar contas! Uns de níquel⁴, outros de aço, rebrilhantes e frios, todos eram de um manejo laborioso e lento: alguns com as molas rígidas, as pontas vivas, trilhavam e feriam: e nas largas folhas de papel *watman* em que ele escrevia, e que custavam quinhentos reis, eu por vezes surpreendi gotas de sangue do meu amigo. Mas a todos ele considerava indispensáveis para
10 compor as suas cartas (Jacinto não compunha obras), assim como os trinta e cinco dicionários, e os manuais, e as enciclopédias, e os guias, e os diretórios, atulhando uma estante isolada, esguia, em forma de torre, que silenciosamente girava sobre o seu pedestal, e que eu denominara o Farol. O que porém mais completamente imprimia àquele gabinete um portentoso⁵ caráter de civilização eram, sobre as suas peanhas⁶ de carvalho, os grandes aparelhos, facilitadores do pensamento – a máquina de escrever, os autocopistas⁷, o telégrafo Morse, o fonógrafo⁸, o telefone, o teatafone⁹, outros ainda, todos com metais luzidios, todos com longos fios. Constantemente sons curtos e secos retiniam no ar morno daquele santuário. Tic, tic, tic! Dlim, dlim, lim! Crac, crac, crac! Trre, trre!... Era o meu amigo comunicando. Todos esses fios mergulhavam em forças universais. E elas nem sempre, desgraçadamente, se conservavam domadas e disciplinadas! Jacinto recolhera no fonógrafo a voz do conselheiro Pinto Porto, uma voz oracular¹⁰ e ro-
20 tunda¹¹, no momento de exclamar com respeito, com autoridade:

– *Maravilhosa invenção! Quem não admirará os progressos deste século?*

Pois, numa doce noite de S. João, o meu supercivilizado amigo, desejando que umas senhoras parentas de Pinto Porto (as amáveis Gouveias) admirassem o fonógrafo, fez romper do bocarrão do aparelho, que parece uma trompa, a conhecida voz rotunda e oracular:

25 – *Quem não admirará os progressos deste século?*

Mas, inábil ou brusco, certamente desconcertou alguma mola vital – porque de repente o fonógrafo começa a redizer, sem descontinuação, interminavelmente, com uma sonoridade cada vez mais rotunda, a sentença o conselheiro:

– *Quem não admirará os progressos deste século?*

30 Debalde, Jacinto, pálido, com os dedos trémulos, torturava o aparelho. A exclamação recomeçava, rolava, oracular e majestosa:

– *Quem não admirará os progressos deste século?*

Enervados, retirámos para uma sala distante, pesadamente revestida de panos de arrás¹². Em vão! A voz de Pinto Porto lá estava, entre os panos de Arrás, implacável e rotunda:

35 – *Quem não admirará os progressos deste século?*

Furiosos, enterrámos uma almofada na boca do fonógrafo, atirámos por cima mantas, cobertores espessos, para sufocar a voz abominável. Em vão! sob a mordaça, sob as grossas lãs, a voz rouquejava, surda mas oracular:

– *Quem não admirará os progressos deste século?*

40 As amáveis Gouveias tinham abalado, apertando desesperadamente os xailes sobre a cabeça. Mesmo à cozinha, onde nos refugiámos, a voz descia, engasgada e gosmosa:

– *«Quem não admirará os progressos deste século?»*

Fugimos espavoridos para a rua.

Era de madrugada.

Eça de Queirós, «Civilização», *Contos*, Livros do Brasil, 2000

Vocabulário

¹ **Abacial**: como a cadeira de um abade (superior religioso).

² **Estampilhas**: selos.

³ **Lacre**: mistura de uma substância resinosa com matéria corante que serve para fechar e selar cartas.

⁴ **Níquel**: moeda feita com este metal.

⁵ **Portentoso**: assombroso.

⁶ **Peanhas**: bases ou pedestais em que estão colocados objetos.

⁷ **Autocopistas**: aparelhos próprios para autocopiar.

⁸ **Fonógrafo**: instrumento que fixa e reproduz os sons.

⁹ **Teatrofone**: aparelhagem que transmitia diretamente de teatros, por meio de um telefone e de um microfone, peças musicais em exibição.

¹⁰ **Oracular**: profética, que antevê o futuro.

¹¹ **Rotunda**: sonora.

¹² **Arrás**: tapeçaria antiga para ornar paredes de salas ou galerias.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

7. No primeiro parágrafo, o narrador descreve o gabinete de trabalho da personagem Jacinto. (4,5 pontos)
Indica os três aspetos do gabinete do amigo que mais causaram admiração no narrador.
8. Na perspectiva do narrador, os grandes aparelhos tinham uma função determinada. (2,5 pontos)
Identifica essa função e transcreve uma expressão que evidencie o ponto de vista do narrador.
9. A partir de determinado momento é visível uma alteração na ação narrada. (3 pontos)
Descreve o acontecimento que determina essa alteração.
10. A frase repetida que provém do fonógrafo provoca reações nas personagens. (4,5 pontos)
Indica as ações encadeadas das personagens a partir deste acontecimento.
- 10.1 Identifica três adjetivos que traduzam o estado de espírito das personagens perante o insólito acontecimento. (1,5 pontos)
11. Classifica o narrador deste excerto quanto à presença e à posição, justificando. (3 pontos)
12. Identifica, no excerto, exemplos de narração, descrição e monólogo. (3 pontos)

Parte C

13. Lê os excertos dos contos «A galinha», de Vergílio Ferreira e «A aia», de Eça de Queirós. (8 pontos)
Responde, de forma completa e bem estruturada, apenas a um dos itens, **13.1** ou **13.2**.

Texto A

A galinha

Minha mãe trouxe, pois, as duas galinhas na carroça do António Capador, e a minha tia ficou. E quando à tarde ela voltou da feira, foi logo buscar a sua. Minha mãe já a tinha ali, embrulhada e tudo como minha tia a deixara, e deu-lha. Mas minha tia olhou a galinha de minha mãe, que já estava exposta no aparador, e, ao dar meia volta, quando se ia embora, não resistiu:

5 – Tu trocaste mas foi as galinhas.

Disse isto de costas, mas com firmeza, como quem se atira de cabeça. E minha mãe pasmou, de mãos erguidas ao céu:

– Louvado e adorado seja o Santíssimo Nome de Jesus! Então eu toquei lá na galinha! Então a galinha não está ainda conforme tu ma entregaste? Então tu não vês ainda o papel dobrado? Então não

10 estarás a ver o nó do fio...

Estavam só as duas e puderam desabafar.

– Trocaste, trocaste. Mas fica lá com a galinha, que não fico mais pobre por isso.

Vergílio Ferreira, *Contos*, Bertrand, 1991

13.1 Após lerem o conto «A galinha», a Mafalda e o António fizeram os comentários seguintes.

Mafalda: *Na minha opinião, o conto contém uma importante mensagem sobre determinados comportamentos humanos.*

António: *Quanto a mim, este conto contém uma mensagem sobre a relação entre as pessoas.*

Escreve um texto de opinião, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, em que, de entre os dois comentários, defendas aquele que te parece mais adequado ao sentido do conto.

O teu texto deve incluir uma parte de introdução, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir:

- Indicação do comentário que, na tua opinião, é mais adequado ao sentido do texto.
- Referência ao motivo da zanga entre as duas irmãs.
- Caracterização da evolução da zanga e respetivas consequências.
- Explicitação do ponto de vista do narrador em relação ao conflito e indicação do teu ponto de vista.
- Apresentação da intenção crítica do autor e da moralidade do conto.

Caso respondas ao item **13.1**, não respondas ao item **13.2**

Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (exemplo: /2011/).

Texto B

A Aia

Foi um espanto, uma aclamação. Quem o salvara? Quem?... Lá estava junto do berço de marfim vazio, muda e hirta, aquela que o salvara! Serva sublimemente leal! Fora ela que, para conservar a vida ao seu príncipe, mandara à morte o seu filho... Então, só então, a mãe ditosa, emergindo da sua alegria extática, abraçou apaixonadamente a mãe dolorosa, e a beijou, e lhe chamou irmã do seu coração... E de entre aquela multidão que se apertava na galeria veio uma nova, ardente aclamação, com súplicas de que fosse recompensada, magnificamente, a serva admirável que salvara o rei e o reino.

Eça de Queirós, *Contos*, Livros do Brasil, 2004

13.2. Após lerem o conto «A aia», a Mariana e o Tiago fizeram os comentários seguintes.

Mariana: *Na minha opinião, a palavra que melhor caracteriza a atitude da aia perante a sua condição de escrava é humildade.*

Tiago: *Quanto a mim, a palavra que melhor caracteriza a atitude da aia perante a sua condição de escrava é resignação.*

Escreve um texto de opinião, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, em que, de entre os dois comentários, defendas aquele que te parece mais adequado ao sentido do conto.

O teu texto deve incluir uma parte de introdução, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir:

- Indicação do comentário que, na tua opinião, é mais adequado ao sentido do texto.
- Justificação da escolha desse comentário, através da transcrição de uma expressão que evidencie o carácter da aia.
- Descrição da atitude da aia e explicitação da sua intenção.
- Referência a duas características psicológicas da aia.
- Identificação de um recurso expressivo presente no excerto e explicitação do seu significado.
- Apresentação do teu ponto de vista sobre a opção da aia, e respetiva justificação.

Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (exemplo: /2011/).

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

14. Lê as frases seguintes.

(6 pontos)

- a) «— *Quem não admirará os progressos deste século?*»
- b) «Uns de níquel, outros de aço, rebrilhantes e frios, todos eram de um manejo laborioso e lento: alguns com as molas rígidas, as pontas vivas, trilhavam e feriam»
- c) «Ao fundo, e com um altar-mor, era o gabinete de trabalho de Jacinto.»
- d) «Mas a todos ele considerava indispensáveis para compor as suas cartas (Jacinto não compunha obras), assim como os trinta e cinco dicionários, e os manuais, e as enciclopédias, e os guias, e os diretórios»

Justifica o uso da pontuação destacada em cada uma das frases.

15. Constrói duas frases onde utilizes a vírgula com cada uma das seguintes funções:

(3 pontos)

- a) Isolar o vocativo.
- b) Separar a oração subordinada da oração subordinante.

16. Reescreve em discurso indireto a fala seguinte. (3 pontos)
«– Maravilhosa invenção! Quem não admirará os progressos deste século?»
17. De entre as palavras destacadas, identifica os pronomes, os determinantes e os quantificadores. (4 pontos)
a) Eram **vários os** aparelhos facilitadores do pensamento.
b) **O** mais original era o teatrofone.
c) O fonógrafo, **cujo** som assustou as Gouveias, estava avariado.
d) **Quem** não admirava os progressos **daquele** século?
e) Ao fundo, via-se **um** escritório, **que** era a divisão mais organizada.
- 17.1 Indica as subclasses dos pronomes e determinantes que identificaste. (3 pontos)
18. Lê a frase abaixo e indica o advérbio aí presente. (1 ponto)
«(...) os diretórios, atulhando uma estante isolada, esguia, em forma de torre, que silenciosamente girava sobre o seu pedestal (...)»
19. Indica o tempo e o modo das formas verbais destacadas na passagem seguinte. (1,5 pontos)
«Pois, numa doce noite de S. João, o meu supercivilizado amigo, **desejando** que umas senhoras parentas de Pinto Porto (as amáveis Gouveias) **admirassem** o fonógrafo, **fez** romper do bocarrão do aparelho, que parece uma trompa, a conhecida voz rotunda e oracular»
- 19.1 Classifica o verbo a que pertencem essas formas verbais como regular ou irregular e indica a respetiva conjugação. (1,5 pontos)
20. Classifica o sujeito da passagem seguinte. (2 pontos)
«*Todos esses fios mergulhavam em forças universais.*»

GRUPO III

(25 pontos)

A frase que encerra o excerto do conto «Civilização», de Eça de Queirós, **na Parte B do Grupo II**, pode ser um início de uma outra narrativa, agora imaginada por ti.

Escreve um **texto narrativo**, correto e bem estruturado, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, iniciado pela frase: «Era de madrugada.»

Na tua narrativa, deves incluir uma descrição de um espaço e um momento de diálogo.

No final, revê o teu texto para verificares a ortografia, a pontuação, a estrutura das frases e dos parágrafos e a coerência.

FIM

Observações relativas ao Grupo III:

- Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2008/).
- Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - a um texto com extensão inferior a 60 palavras é atribuída a classificação de 0 (zero) pontos;
 - nos outros casos, um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos) do texto produzido.

GRUPO I

Parte A

Lê o texto seguinte.

Comunicações. *O primeiro SMS da história foi enviado há 20 anos, a 3 de dezembro de 1992. Tornou-se um dos mais populares serviços de comunicação de sempre e deverá continuar a crescer em tráfego e receitas apesar da concorrência de outros meios, nomeadamente aplicações gratuitas para smartphones. A consultora Informa Telecoms prevê que os SMS representem 98 mil milhões de euros de receitas em 2016.*

SMS FAZ 20 ANOS

A msg q mudou o mundo

Ana Rita Guerra

A única coisa que Neil Papworth queria era testar se o serviço de mensagens escritas funcionava fora do laboratório. O engenheiro britânico de apenas 22 anos na altura, em dezembro de 1992, usou um computador pessoal para enviar a mensagem «Feliz Natal» ao engenheiro da Vodafone Richard Jarvis. O texto apareceu num telefone Orbitel 901 a meio da festa de Natal da operadora no Reino Unido, usando a sua rede GSM.

Um ano depois, em 1993, a Nokia lançou os modelos 2110 que permitiam a troca de SMS – sigla de *Short Message Service* – e a operadora finlandesa Radiolinja foi a primeira a oferecer o serviço, ainda nesse ano. Só muito mais tarde se percebeu quem tinha sido o inventor da tecnologia, o finlandês Matti Makkonen, que nos anos 70 teve a ideia e a levou às discussões dos *standards* GSM. Nunca patenteou nada nem recebeu um cêntimo pela invenção.

Mas a novidade demorou a ser bem-sucedida: em 1995, os clientes de telemóveis enviavam apenas 0,4 mensagens por mês. Só no início da década de 2000 a adesão às mensagens curtas se tornou viral, à medida que a tecnologia melhorou e o telemóvel se massificou.

Até hoje, é mantido o limite de caracteres por SMS, algo que foi definido em 1985 por Friedhelm Hillebrand, da Deutsche Telekom. Era um dos engenheiros responsáveis pela definição de standards GSM nos anos 80 e trabalhou com o francês Bernard Ghillebaert. Porquê 160 caracteres? A largura da rede analógica era limitada e Hillebrand usou a referência dos caracteres que se podiam escrever num postal ou numa mensagem de telex. O *standard* permite 140 bytes de informação e a codificação de sete bytes por carácter gerou então o limite de 160.

O grande salto do SMS acabou por se dar há dez anos. Em 2002, foram enviados 250 mil milhões de SMS, de acordo com os dados da consultora Informa Telecoms & Media, e em 2012 deverão ser enviados 6,7 biliões de SMS, um aumento de 13,6% face a 2011. A analista Pamela Clark-Dickson, da Informa, sublinha que existem dúvidas sobre a sobrevivência do SMS a longo prazo devido às novas tecnologias a que os consumidores aderiram. «O SMS está a lutar pela sobrevivência em alguns mercados, onde vê o seu papel de comunicação móvel a ser usurpado por serviços gratuitos como o *WhatsApp*, *iMessage*, *Viber*, *KakaoTalk* e *Facebook*», diz. De facto, o envio de SMS está a diminuir em vários países, como é o caso da Holanda, da Espanha, da China, da Coreia do Sul e das Filipinas. A Informa acredita que serão os países emergentes, com pouco acesso a computadores, a manter o sucesso da invenção.

Diário de Notícias, 1 de dezembro de 2012 (adaptado)

1. As afirmações **a)** a **g)** baseiam-se em informações do texto «A msg q mudou o mundo». (6 pontos)
- Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas informações aparecem no texto. Finaliza a tua sequência com a letra **g**).
- a)** O serviço de mensagens de texto corre o risco de ser substituído a longo prazo por novas tecnologias.
 - b)** O envio de SMS começou por uma experiência de um engenheiro britânico.
 - c)** O criador das mensagens escritas enviadas através de telemóvel é de nacionalidade finlandesa.
 - d)** O número máximo de caracteres a utilizar em cada SMS mantém-se desde o surgimento desta forma de comunicação.
 - e)** O primeiro SMS surgiu durante o século XX, na década de noventa.
 - f)** A partir do início do século XXI, generalizou-se o uso do telemóvel.
 - g)** A expedição de SMS apresenta, na atualidade, uma redução em diversos países.
2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. (6 pontos)
- 2.1 Pela leitura do texto, pode afirmar-se que
- a)** a comunicação por SMS teve um sucesso imediato.
 - b)** a adesão em massa às mensagens escritas através do telemóvel coincidiu com o aperfeiçoamento da tecnologia.
 - c)** o tráfego de SMS parará de crescer a curto prazo.
 - d)** o SMS está a ser substituído por outros serviços que são disponibilizados pelas empresas de comunicação, com custos para o consumidor.
- 2.2 Na frase «A Informa acredita que serão os países emergentes, com pouco acesso a computadores, a manter o sucesso da invenção.», o vocábulo «emergentes» (linhas 28-29) poderia ser substituído pela expressão
- a)** subdesenvolvidos.
 - b)** desenvolvidos.
 - c)** em desenvolvimento.
 - d)** estagnados.
- 2.3 A palavra «Mas» (linha 11) indica que, em relação ao segundo, o terceiro parágrafo apresenta
- a)** uma conclusão. **c)** uma explicação.
 - b)** um acréscimo. **d)** um contraste.
3. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto. (2 pontos)
- a)** «que» (linha 1) refere-se a «a única coisa».
 - b)** «que» (linha 6) refere-se a «Nokia».
 - c)** «que» (linha 9) refere-se a «o finlandês Matti Makkonen».
 - d)** «que» (linha 17) refere-se a «caracteres».

Parte B

Lê o excerto do Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário.

Fidalgo A estoutra barca me vou.
Hou da barca! Para onde is?
Ah, barqueiros! Não me ouvis?
Respondei-me! Houlá! Hou!
5 (Par Deos, aviado¹ estou!
Quant'a isto é já pior...
Que giricocins², salvanor³!
Cuidam que sam⁴ eu grou⁵?)

Anjo Que querês?
Fidalgo Que me digais,
10 pois parti tão sem aviso⁶,
se a barca do Paraíso
é esta em que navegais.

Anjo Esta é; que demandais⁷?
Fidalgo Que me leixeis embarcar.
15 Sou fidalgo de solar⁸,
é bem que me recolhais.

Anjo Não se embarca tirania
neste batel divinal.
Fidalgo Não sei porque haveis por mal
20 que entre' a minha senhoria...
Anjo Pera vossa fantasia⁹
mui estreita é esta barca.
Fidalgo Pera senhor de tal marca
nom há aqui mais cortesia?

25 Venha prancha e atavio¹⁰!
Levai-me desta ribeira!
Anjo Não vindes vós de maneira
pera ir neste navio.
Essoutro vai mais vazio:
30 a cadeira entrará
e o rabo caberá
e todo vosso senhorio¹¹.

Vós irês mais espaçoso
com fumosa¹² senhoria,
35 cuidando na tirania
do pobre povo queixoso;
e porque, de generoso¹³,
desprezastes os pequenos,
achar-vos-ês tanto menos¹⁴
40 quanto mais fostes fumoso.

Vocabulário

¹ **Aviado**: bem arranjado.

² **Giricocins**: diminutivo pejorativo de jerico; asnos.

³ **Salvanor**: salvo seja.

⁴ **Sam**: sou.

⁵ **Grou**: ave pernalta palradora.

⁶ **Sem aviso**: inesperadamente.

⁷ **Demandais**: pretendeis.

⁸ **Fidalgo de solar**: de linhagem nobre e antiga.

⁹ **Fantasia**: vaidade, orgulho.

¹⁰ **Atavio**: apetrecho da embarcação.

¹¹ **Senhorio**: categoria, importância.

¹² **Fumosa**: vaidosa.

¹³ **Generoso**: nobre.

¹⁴ **Achar-vos-ês tanto menos**: menos digno de entrar na barca do Anjo.

Diabo À barca, à barca, senhores!
 Oh! que maré tão de prata!
 Um ventezinho que mata
 e valentes remadores!

45 *Diz, cantando:*
Vós me veniredes¹⁵ a la mano,
a la mano me veniredes.

Fidalgo Ao Inferno todavia!
 Inferno há i pera mi?
 50 Ó triste! Enquanto vivi
 não cuidei que o i havia.
 Tive¹⁶ que era fantasia¹⁷;
 folgava ser adorado;
 confiei em meu estado¹⁸
 55 e não vi que me perdia.

Venha essa prancha! Veremos
 esta barca de tristura.

Diabo Embarq' a vossa doçura,
 que cá nos entenderemos...
 60 Tomarês um par de remos,
 veremos como remais,
 e, chegando ao nosso cais,
 todos bem vos serviremos.

Fidalgo Esperar-me-ês vós aqui,
 65 tornarei à outra vida
 ver minha dama querida
 que se quer matar por mi.

Diabo Que se quer matar por ti?

Fidalgo Isto bem certo o sei eu.

70 **Diabo** Ó namorado sandeu¹⁹,
 o maior que nunca vi!

Fidalgo Como pod'rá isso ser,
 que m'escrivia mil dias?

Diabo Quantas mentiras que lias
 75 e tu... morto de prazer!

Fidalgo Pera que é escarnecer²⁰,
 que nom havia mais no bem²¹?

Diabo Assi vivas tu, amen,
 como te tinha querer²²!

80 **Fidalgo** Isto quanto ao que eu conheço...

Diabo Pois estando tu espirando,
 se estava ela requebrando
 com outro de menos preço²³.

Vocabulário

¹⁵ **Veniredes:** vireis.

¹⁶ **Tive:** pensei.

¹⁷ **Fantasia:** imaginação.

¹⁸ **Estado:** condição social.

¹⁹ **Sandeu:** tolo, ingénuo.

²⁰ **Escarnecer:** trocar.

²¹ **Que nom havia mais no bem:** não havia
 amor maior.

²² **Querer:** amor.

²³ **Preço:** valor.

Fidalgo Dá-me licença, te peço,
que vá ver minha mulher.
85 **Diabo** E ela, por não te ver,
despenhar-se-á dum cabeça²⁴.
Quanto ela hoje rezou,
antre seus gritos e gritas,
foi dar graças infinitas
90 a quem a desassombrou²⁵.
Fidalgo Quanto ela²⁶, bem chorou!
Diabo Nom há i choro de alegria?
Fidalgo E as lástimas²⁷ que dezia?
Diabo Sua mãe lhas ensinou.

95 Entrai! Entrai! Entrai!
 Ei-la prancha! Ponde o pé...
Fidalgo Entremos, pois que assi é.
Diabo Ora, senhor, descansai,
 passeai e suspirai.
100 Entanto vinrá mais gente.
Fidalgo Ó barca, como és ardente!
 Maldito quem em ti vai!

Vocabulário

²⁴ **Cabeço:** monte.

²⁵ **Desassombrou:** consolou.

²⁶ **Quanto ela:** quanto a ela.

²⁷ **Lástimas:** lamentações.

Gil Vicente, *Auto da barca do Inferno*, Fixação do texto a partir das edições seguintes:
As obras de Gil Vicente, dir. científica de José Camões, INCM, 2002; *Teatro de Gil Vicente*,
apresentação e leitura de António José Saraiva, Portugal, s.d.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

4. Justifica a afirmação do Fidalgo «Par Deos, aviado estou!» (v. 5), caracterizando a sua atitude ao chegar à barca do Anjo. (2 pontos)
5. Confrontado com a presença do Fidalgo, o Anjo defende uma opinião. (6 pontos)
Explicita a posição do Anjo, apresentando os argumentos usados pela personagem para a fundamentar.
6. Relê a afirmação do Diabo. (3 pontos)
«Oh! Que maré tão de prata! / **Um ventezinho que mata** / e valentes remadores» (vv. 42-43)
Identifica o recurso expressivo presente no verso destacado e explicita a intencionalidade comunicativa da personagem.
7. Identifica três argumentos usados pelo Fidalgo perante a evidência de que teria de embarcar na barca infernal e três contra-argumentos apresentados pelo Diabo. (5 pontos)
8. Identifica os tipos de cómico presentes neste excerto, explicitando os objetivos com que são utilizados. (5 pontos)

9. Lê o comentário seguinte.

(5 pontos)

«As personagens da barca do Inferno são tipos sociais e profissionais do Portugal quinhentista em trânsito para o seu destino, que julgam ser o Paraíso.»

Ana Paula Dias, *Para uma leitura de Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente*, Editorial Presença, 2002

A partir do teu conhecimento da personagem do Fidalgo, e com base no excerto apresentado, defende ou contradiz esta afirmação.

Parte C

«A cena efetivamente representa a margem de um rio – o rio do «outro mundo» – com duas barcas prestes a partir: uma delas, conduzida por um anjo, leva ao Paraíso; a outra, conduzida por um diabo, leva ao inferno. Uma série de personagens vão chegando à praia.»

Paul Tessier, *Gil Vicente, o autor e a obra*, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985

10. Para além do Fidalgo, são diversas as personagens que vão chegando ao cais e aguardam o destino final.

(10 pontos)

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual apresentes uma outra personagem da peça de Gil Vicente.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir:

- Classe/grupo social representado pela personagem.
- Símbolo(s) cénico(s) associado(s) à personagem e respetivo significado.
- Percurso cénico da personagem.
- Argumentos utilizados pela personagem perante o Diabo ou o Anjo.
- Destino final da personagem e sua justificação.

Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (exemplo: /2011/).

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

11 Classifica as formas verbais presentes na frase seguinte indicando pessoa, número e modo.

(3 pontos)

«*Entra! Entra! Entra!*» (v. 96)

11.1 Reescreve a frase na forma negativa, fazendo as alterações necessárias.

(4 pontos)

12. Identifica quatro arcaísmos presentes no texto da **Parte B**, justificando a tua escolha.

(3 pontos)

13. Lê a frase seguinte.

(5 pontos)

«*Inferno há i pera mi?*» (v. 49)

As palavras destacadas deram origem a três palavras presentes no vocabulário do português atual. Indica-as.

13.1 Refere os processos fonológicos ocorridos na evolução das palavras destacadas.

(3 pontos)

14. Indica o processo de formação das palavras seguintes. (4 pontos)
- | | |
|--------------|--|
| a) angelical | c) papo de anjo |
| b) embarcar | d) teocracia (Gr. <i>Théos</i> , Deus + Gr. <i>Kratos</i> , governo) |

15. Selecciona, para responderes a cada item (15.1 a 15.3), a única opção que permite obter uma afirmação correta. (3 pontos)

15.1 A frase que inclui um pronome pessoal com a função sintática de sujeito é

- a) «Assi vivas tu, amen?»
- b) «Não me ouvis?.»
- c) «Respondei-me! Houlá! Hou!»
- d) «Sou fidalgo de solar, é bem que me recolhais.»

15.2 Na frase «todos bem **vos** serviremos», a expressão destacada desempenha a função sintática de

- | | |
|--------------------------|------------------------|
| a) complemento indireto. | c) complemento direto. |
| b) complemento oblíquo. | d) sujeito. |

15.3 Na frase «Esperar-me-ês vós aqui, tornarei à **outra vida**», a expressão destacada desempenha a função sintática de

- | | |
|--------------------------|---------------------------------|
| a) complemento direto. | c) modificador do grupo verbal. |
| b) complemento indireto. | d) complemento oblíquo. |

GRUPO III

(25 pontos)

Entre a escrita das cartas pela «mulher» do Fidalgo e as trocas de mensagem por SMS decorreu um longo período de tempo, em que as formas de comunicação se alteraram significativamente.

Escreve um **texto argumentativo**, que pudesse ser publicado num jornal escolar, no qual apresentes as vantagens da escrita para comunicar, tentando convencer os jovens da importância de sabermos exprimir-nos por escrito.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras e não deves assiná-lo.

FIM

Observações relativas ao Grupo III:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2008/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - a um texto com extensão inferior a 60 palavras é atribuída a classificação de 0 (zero) pontos;
 - nos outros casos, um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos) do texto produzido.

GRUPO I

Parte A

Lê o texto seguinte.

Um périplo horripilante, de crimes e fantasmas, pelas ruas de Lisboa

Catarina Durão Machado

Uma empresa de animação dá a conhecer uma capital diferente. Em vez de guias, são atores que se encarregam de liderar o caminho por entre histórias de uma Lisboa de outros tempos.

Arco da Rua Augusta, 21h30. Ouvem-se as solas dos sapatos marcando a calçada. Mas a cidade está quase silenciosa, é a imaginação que compõe um cenário de *suspense*: os efeitos dos focos de luz vindos do chão, junto ao arco, iluminam os queixos dos transeuntes, e há quem passe com a gola do sobretudo virada para cima. O vento não sopra, o frio suporta-se. São as sombras e os silêncios que

5 incomodam quem não está habituado a observar este tipo de noite em Lisboa.

Esta é uma história de fantasmas, para quem acredita neles. Para quem não acredita, então esta é uma história de teatro, onde o palco são as ruas inclinadas do centro histórico da capital, os espetadores são os clientes e os transeuntes ocasionais. Há um ator principal, vestido de capa preta com capuz e lanterna na mão. Os atores secundários, esses, são os fantasmas.

10 O contador de capa preta tem como função fazer ressuscitar os mortos de que fala, com o foco da lanterna na cara ou apontando-o para os edifícios onde eles, os mortos, terão vivido. «Foi aqui que viveu uma assassina», conta o narrador do passeio noturno, dirigindo a luz à janela de um prédio devoluto. A história assume contornos de filme policial e os caminhantes escutam com atenção. Finda a narrativa, o périplo é percorrido de um fôlego, sem parar. E no fim, o contador grita ou sussurra um

15 «sigam-me». E o grupo segue-o, pois claro.

Crimes e lendas

É assim que a *Ghost Tours* trabalha (www.ghost-tours-portugal.pt). À noite, para portugueses ou estrangeiros, fugindo da confusão do dia, onde turistas e lisboetas se atropelam numa cidade cada vez mais concorrida. De inverno, o cenário fica mais carregado, o frio aguça a imaginação, e até em dias

20 de chuva Lisboa parece ficar mais assustadora. O motivo do passeio são crimes e criminosos, lendas e acontecimentos horripilantes da História de Lisboa.

O contador leva o grupo pela colina do Castelo acima e, na Sé, não obstante os gritos incomodados de um sem-abrigo, a atmosfera macabra adensa-se. O céu está mesmo preto e a catedral profundamente amarela, a Lua cheia a um canto.

25 O contador está entusiasmado e lembra o dia em que um bispo foi lançado da torre da Sé, em pleno século XIV. «Conta-se que os seus restos mortais foram arrastados pela cidade e comidos pelos cães», vocifera. Os impropérios do sem-abrigo persistem, mas o contador não desmancha o seu papel. A sua voz é colocada e parece ecoar no silêncio da rua. Não admira que incomode os que já dormem, apesar de não passar das dez da noite.

30 A subida acentua-se, desfilam fantasmas de assassinos, há muito falecidos, e das suas vítimas. E é no Pátio do Carrasco, a caminho de Santa Luzia, que o ambiente chega a gelar. De repente, o grupo

transporta-se para um átrio quadrangular do século XIX, com casinhas baixas e janelas pequenas, carreiros intermináveis de plantas e vasos, roupa estendida nos varais, capachos à porta e gente que, embora ali viva, não vem espreitar, mas respira do outro lado da parede. A história é a de Luís Negro
35 e o nome do pátio diz tudo. Adiante.

Sangue, suor e gargalhadas

O contador segue agora o fantasma de Manuela de Zamora, uma ladra, pelas Escadinhas de São Crispim. Mais uma vez, ninguém vem à janela, por mais que o contador berre os feitos da mulher. O grupo arfa da subida, mas constata, com surpresa, que não conhecia aquele trajeto que desemboca à
40 porta do Chafitô. A ladra ficou para trás, mas, uns minutos à frente, encontra-se uma outra, Giraldinha, agora nas Escadinhas de São Cristóvão.

As pinturas murais alusivas ao fado acompanham a narrativa, enquanto um grupo de raparigas passa e estaca, olhando o contador com curiosidade. Querem seguir as palavras que captaram no ar, mas o mensageiro já voa pela Rua de Santa Justa, com a capa a ondular.

55 Com a Praça da Figueira no horizonte, o grupo de caminhantes exhibe alguma expectativa, agora que começa a entrar em território mais conhecido. Com o Castelo de São Jorge pendurado no céu, numa faixa amarelada de muralhas, o contador aproveita para lembrar que Lisboa tem lendas fundadoras, e que Ulisses protagonizou uma delas.

A história perde dramatismo, mas ganha romance e fantasia, para contrabalançar a sílaba tónica
50 dada aos crimes e assassinios. Em torno, vislumbram-se rostos da noite, habituados, porventura, a homens de capa preta. Rapazes deslizando em *skates*, aos pés do mestre de Avis. O contador persiste no fito de aterrorizar transeuntes: senhoras e casais a passear, ou à espera de qualquer coisa ao pé do carro, turistas deambulantes. Os sustos são genuínos e parece que o contador já terá mesmo provocado gritos de pavor que terão acordado meia Baixa Pombalina. No entanto, a maioria destes sustos
55 acaba por transformar-se em gargalhadas bem-dispostas.

Tempo para aterrorizar um pouco mais os caminhantes, com os fantasmas dos cristãos-novos massacrados no Rossio. A luz da lanterna incide sobre a porta fechada da Igreja de São Domingos. Os pormenores violentos das mortes provocam esgares de reprobção nos rostos. Já houve quem tivesse reclamado contra o sadismo que o contador emprega ao relatar o Massacre dos Judeus de 1506,
60 mas é esse o propósito, afirmar, mais tarde, o narrador.

O périplo termina da pior maneira. Junto à estátua de D. Pedro, no Rossio, o contador apresenta a escrava Catarina Maria, que foi acusada de ser bruxa pela Inquisição. A imaginação dos espetadores arde com o relato da sua tortura e da sua morte, em auto-de-fé, numa fogueira anormalmente lenta. Histórias de outros tempos, mas que se tornam reais quando se olha para uma das fontes da praça e,
65 em vez dela, se distingue claramente uma pira ardente e uma mulher que morre sufocada com o fumo e o pânico.

Despindo a capa

A noite continua enigmática, uma hora e meia depois. A Lua cheia rodeia-se de uma névoa escura e o som das solas dos sapatos persiste no horizonte auditivo. No Rossio, o contador sorri, pela
70 última vez, e, sem que diga «sigam-me», desaparece, rodando sobre si, como se, na verdade, nunca tivesse existido.

Afinal, o contador não desapareceu. Deu a volta à estátua de D. Pedro e regressou, sem a capa.

Público, 2 de dezembro de 2012 (adaptado)

1. As afirmações **a)** a **g)** referem-se a informações do texto sobre uma viagem especial pelas ruas de Lisboa. (6 pontos)

Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem cronológica dos acontecimentos, do mais antigo ao mais recente. Começa a sequência pela letra **a)**.

- a)** Junto ao arco da Rua Augusta, o início da aventura noturna é marcado por um ambiente silencioso e expectante.
- b)** A luz da lanterna foca uma igreja, em plena baixa pombalina.
- c)** O percurso finda na praça do Rossio junto à estátua de D. Pedro.
- d)** O périplo horripilante é conduzido por um ator, que guia o grupo pela colina do Castelo.
- e)** A verdadeira caminhada começa nas ruas íngremes da capital portuguesa.
- f)** Entre as Escadinhas de São Crispim e as de São Cristóvão, um grupo de jovens para, embalado pelas palavras do contador.
- g)** A voz de um sem-abrigo ouve-se no silêncio da noite, junto à Sé.

2. Associa cada elemento da **coluna A** ao único elemento da **coluna B** que lhe corresponde, de acordo com o sentido do texto. (6 pontos)

Coluna A	Coluna B
a) Personagem condenada por feitiçaria pela Inquisição, queimada num auto-de-fé.	1. Ulisses
b) Personagem coletiva, massacrada por motivos religiosos.	2. Um bispo
c) Protagonista de uma queda, cujo corpo foi devorado por animais.	3. Cristãos-novos
d) Personagem famosa pelos roubos cometidos.	4. Luís Negro
e) Figura ligada ao mito português da fundação.	5. A escrava Catarina Maria
f) Homem do século XIX, cuja história é associada ao Pátio do Carrasco.	6. Manuela de Zamora

3. Selecciona, para responderes a cada item (**3.1** a **3.3**), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. (3 pontos)

3.1 Pela leitura do texto, pode afirmar-se que o tema deste percurso é

- a)** os principais monumentos da cidade de Lisboa.
- b)** as labirínticas ruas de Lisboa.
- c)** as misteriosas lendas ligadas às ruas da baixa pombalina.
- d)** as figuras históricas associadas à capital portuguesa.

3.2 A expressão «De inverno, o cenário fica mais carregado, o frio aguça a imaginação, e até em dias de chuva Lisboa parece ficar mais assustadora» (linhas 19-20) contém

- a)** uma antítese e uma metáfora.
- b)** uma dupla adjetivação e uma hipérbole.
- c)** um eufemismo e uma comparação.
- d)** uma metáfora e uma personificação.

3.3 Com a expressão «o ambiente chega a gelar» (linha 31), ilustra-se a ideia de que

- a)** o clima de suspense aumentara devido às histórias assustadoras.
- b)** o grupo sentia medo porque a escuridão aumentara.
- c)** estava muito frio porque o vento soprava.
- d)** o frio se tinha acentuado, visto já ser noite profunda.

4. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto. (2 pontos)
- a) A palavra «neles» (linha 6) refere-se a «fantasmas».
 - b) A palavra «o» (linha 11) refere-se a «foco da lanterna».
 - c) A palavra «me» (linha 15) refere-se a «o contador».
 - d) A palavra «sua» (linha 63) refere-se a «bruxa».

4.1 Transforma a afirmação falsa, de forma a torná-la verdadeira, de acordo com o sentido do texto.

Parte B

Lê o excerto do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário.

Tanto que o Frade foi embarcado, veio ãa Alcouveteira, per nome Brísida Vaz, a qual, chegando à barca infernal, diz desta maneira:

- Brísida Vaz** Hou lá da barca, hou lá!
Diabo Quem chama?
Brísida Vaz Brísida Vaz.
Diabo E aguarda-me, rapaz
como nom vem ela já?
5 **Companheiro** Diz que nom há de vir cá
sem Joana de Valdês¹.
Diabo Entrai vós, e remarês.
Brísida Vaz Nom quero eu entrar lá.

Diabo Que sabroso arrecear!
10 **Brísida Vaz** No é essa barca que eu cato².
Diabo E trazês vós muito fato³?
Brísida Vaz O que me convém levar.
Diabo Que é o qu'havês d'embarcar?
Brísida Vaz Seiscentos virgos postiços⁴
15 e três arcas de feitiços
que nom podem mais levar.

Três almários⁵ de mentir,
e cinco cofres de enlheos⁶,
e alguns furtos alheos,
20 assi em joias de vestir,
guarda-roupa d'encobrir,
enfim – casa movediça⁷;
um estrado de cortiça
com dous coxins⁸ d'encobrir.

25 A mor cárrega que é:
essas moças que vendia.
Daquesta mercaderia⁹
trago-a eu muito, bofé¹⁰!

Vocabulário

¹ **Santa Joana de Valdês:** nome referido anteriormente, o qual correspondera a alguma figura conhecida do público.

² **Cato:** procuro.

³ **Fato:** bagagem, como roupa e joias.

⁴ **Virgos postiços:** hímenes falsos.

⁵ **Almários:** armários.

⁶ **Enlheos:** enredos, intrigas.

⁷ **Casa movediça:** casa de armar e desarmar.

⁸ **Coxins:** almofadas grandes, para assento.

⁹ **Mercaderia:** mercadoria.

¹⁰ **Bofé:** na verdade.

Diabo Ora ponde aqui o pé...
 30 **Brísida Vaz** Hui! e eu vou pera o Paraíso!
Diabo E quem te dixe a ti isso?
Brísida Vaz Lá hei d'ir desta maré.

Eu sô ãa mártela¹¹ tal,
 açoutes tenho levados
 35 e tormentos soportados
 que ninguém me foi igual.
 Se fosse ò fogo infernal,
 lá iria todo o mundo!
 A estoutra barca, cá fundo,
 40 me vou, que é mais real¹².

Barqueiro mano, meus olhos,
 prancha a Brísida Vaz!
Anjo Eu não sei quem te cá traz...
Brísida Vaz Peço-vo-lo de giolhos¹³!
 45 Cuidais que trago piolhos,
 anjo de Deos, minha rosa?
 Eu sô aquela preciosa
 que dava as moças¹⁴ a molhos,

a que criava as meninas¹⁵
 50 pera os cónegos¹⁶ da Sé...
 Passai-me, por vossa fê,
 meu amor, minhas boninas¹⁷,
 olho de perlinhas finas!
 E eu som apostolada,
 55 angelada e martelada,
 e fiz cousas mui divinas¹⁸.

Santa Úrsula nom converteo
 tantas cachopas como eu:
 todas salvas polo meu,
 60 que nenhũa se perdeo.
 E prouve Àquele do Céu
 que todas acharam dono.
 Cuidais que dormia sono?
 Nem ponto se me perdeo!

65 **Anjo** Ora vai lá embarcar,
 não estês emportunando.
Brísida Vaz Pois estou-vos eu contando
 o porque me havês de levar.
Anjo Não cures de emportunar,
 70 que nom podes ir aqui.

Vocabulário

¹¹ **Mártela:** mártir.

¹² **Mais real:** mais bonita, melhor.

¹³ **Giolhos:** joelhos.

¹⁴ **Moças:** raparigas do povo.

¹⁵ **Meninas:** raparigas burguesas (geralmente delicadas e de boa educação).

¹⁶ **Cónegos:** padres que pertencem a direção ou administração de uma igreja.

¹⁷ **Boninas:** flores campestres.

¹⁸ **E eu som apostolada, / angelada e martelada, / e fiz cousas mui divinas:** a Alcoviteira compara-se aos apóstolos, aos anjos e aos mártires.

Gil Vicente, Auto da barca do Inferno, Fixação do texto a partir das edições seguintes:
As obras de Gil Vicente, dir. científica de José Camões, INCM, 2002; *Teatro de Gil Vicente*, apresentação
 e leitura de António José Saraiva, Portugal, s.d.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

5. Caracteriza a atitude de Brísida Vaz ao chegar à barca infernal, fundamentando as tuas afirmações com expressões do texto. (4 pontos)
6. Identifica o recurso expressivo utilizado para indicar os símbolos da Alcoviteira, explicitando o valor dos mesmos, tendo em conta o grupo que é o principal alvo de crítica nesta cena. (4 pontos)
7. Relê a afirmação seguinte: (6 pontos)
«Eu sô ãa mártela tal» (v. 33)
A partir deste verso, a personagem feminina apresenta diversos argumentos para justificar a sua entrada no Paraíso.
Apresenta dois desses argumentos e refere o traço de carácter evidenciado pelas suas palavras.
8. Explica o sentido da expressão «Se fosse ò fogo infernal, lá iria todo o mundo!» (vv. 37-38), referindo a crítica inerente a estas palavras. (6 pontos)
9. Lê o comentário seguinte. (5 pontos)
«Pela leitura das falas do Anjo, percebe-se que ele não vai permitir que Brísida Vaz embarque na barca da glória.»
Apresenta dois argumentos a favor deste comentário, considerando as falas do Anjo ao longo do texto.

Parte C

10. Escreve um **texto expositivo-argumentativo** sobre a prática teatral de Gil Vicente, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras. (8 pontos)
- Deves partir da afirmação e tentar validá-la, recorrendo a argumentos e exemplos que a clarifiquem.
- «O “mundo às avessas” da tradição popular estava ainda muito vivo no Portugal do primeiro terço do século XVI. Era tolerado pelo rei e pela Igreja. Foi essa tolerância que permitiu a Gil Vicente, fiel servidor do Monarca na sua qualidade de poeta de corte, passar além da ordem estabelecida sem provocar escândalo.»
- Paul Tessyer, *Gil Vicente, o autor e a obra*, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985
- O teu texto deve incluir uma parte de introdução, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.
- Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir:
- o teatro na época de Gil Vicente;
 - a relação do dramaturgo com a corte;
 - as diversas funções que desempenhou no contexto teatral;
 - a compilação das obras organizadas pelo filho.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

11. Selecciona, para responderes a cada item (11.1 a 11.3), a única opção que permite obter uma afirmação correta. (6 pontos)

11.1 A frase que contém uma interjeição com valor de chamamento é:

- a) «Hou lá da barca, hou lá!» c) «Hui! e eu vou pera o Paraíso!»
b) «Nom quero eu entrar lá.» d) «Ora vai lá embarcar»

11.2 A frase onde está presente um advérbio interrogativo é:

- a) «Lá hei de ir desta maré.»
b) «E aguarda-me, rapaz / como nom vem ela já?»
c) «Diz que nom há de vir cá / sem Joana de Valdês.»
d) «Não cures de importunar / que não podes vir aqui.»

11.3 A frase onde a palavra «a» é uma preposição é:

- a) Emprestei uma peça de teatro à minha prima mas ainda não a fui buscar.
b) Consultei uma biografia e encontrei dados sobre a vida de Gil Vicente.
c) A última personagem a embarcar no batel infernal foi o Enforcado.
d) O Pajem trazia a cadeira do Fidalgo, mas o Diabo não a deixou embarcar.

12. Relê o título do texto da **Parte A**. (4 pontos)

«Um périplo horripilante, de crimes e fantasmas, pelas ruas de Lisboa»

Indica o processo de formação da palavra «périplo» (Gr. *peri*, em torno de + Gr. *plóos*, navegação) e apresenta um sinónimo para a mesma, tendo em conta o contexto da frase.

- 12.1 Reescreve a frase, substituindo o adjetivo presente por um sinónimo. (2 pontos)

13. Associa cada expressão destacada da **coluna A** ao único elemento da **coluna B** que lhe corresponde, de modo a identificares a função sintática desempenhada pela expressão destacada em cada frase. (4 pontos)

Coluna A	Coluna B
a) «Diz que não há de vir cá. »	1. Sujeito
b) « Nom quero eu entrar lá.»	2. Complemento direto
c) «Ora ponde aqui o pé.»	3. Complemento indireto
d) «Cuidais que dormia sono? Nem ponto se me perdeo!»	4. Complemento oblíquo
	5. Modificador do grupo verbal

14. Indica, para cada um dos itens (14.1 e 14.2), a função sintática que a expressão destacada desempenha em cada uma das frases. (4 pontos)

14.1 Após o embarque do frade, chegou **a Alcoviteira** ao cais.

14.2 Após o embarque do frade, encontraram **a Alcoviteira** no cais.

15. Utiliza modificadores do grupo verbal com os valores indicados para completares as frases (3 pontos)

15.1 a 15.3.

15.1 A Alcoviteira chegou ao cais (valor de modo).

15.2 O Frade cantava o tordião (valor de tempo).

15.3 A Moça Florença também embarcou (valor de lugar).

16. Identifica na cena da Alcoviteira: (2 pontos)

a) uma frase imperativa e afirmativa que corresponda a uma interpelação;

b) uma frase imperativa usada para fazer um pedido.

GRUPO III

(25 pontos)

Lê atentamente o parágrafo extraído do texto da **Parte A**, assim como as palavras e expressões apresentadas a seguir.

«Esta é uma história de fantasmas, para quem acredita neles. Para quem não acredita, então esta é uma história de teatro, onde o palco são as ruas inclinadas do centro histórico da capital (...). Há um ator principal, vestido de capa preta com capuz e lanterna na mão.»

luz

silêncio

céu

Lua

fantasma

Escreve a **continuação da narrativa** por ele iniciada, onde integres as palavras apresentadas acima.

Define o assunto da tua narrativa, o ambiente recriado, a sequência dos acontecimentos, as personagens, o tempo e o espaço.

Escreve o teu texto:

- usando expressões diversificadas para assinalares a passagem do tempo e para situares os acontecimentos no espaço;
- incluindo uma sequência descritiva, em que caracterizes uma personagem, e uma sequência descritiva, em que caracterizes o espaço.

Revê o teu texto para verificares a ortografia, a pontuação, a estrutura das frases e dos parágrafos e a coerência.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

FIM

Observações relativas ao Grupo III:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2008/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - a um texto com extensão inferior a 60 palavras é atribuída a classificação de 0 (zero) pontos;
 - nos outros casos, um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos) do texto produzido.

GRUPO I

Parte A

Lê o texto sobre a exposição da Gulbenkian *As Idades do Mar*.

A Idade dos Mitos

Ilustram-se aqui algumas das narrativas matriciais do universo e da humanidade, fontes conservadas através de tradições transpostas para a escrita e suporte permanente do imaginário visual. A mitologia clássica divulgou o universo dos deuses e heróis eternizados nos textos gregos atribuídos a Homero e nos romanos de Virgílio e Ovídio – *Odisseia*, *Eneida* e *Metamorfoses*. Os seus mares agitados são povoados por divindades de referência humana, como Vénus, deusa nascida da espuma das ondas, ou Neptuno e Anfitrite, casal que governa os mares. Aí também vivem fantásticos seres, como nereidas, tritões e sereias.

Referido na Bíblia em vários episódios, o mar também é cenário nos milagres de santos na Europa católica em mitos fomentados pela Contra-Reforma, como os episódios da vida de S. Francisco Xavier.

A Idade do Poder

O mar foi cenário de jogos de poder determinados por ambições económicas e políticas que obrigaram à formação de grandes esquadras confrontando-se para o seu domínio. Multiplica-se a representação de conjuntos poderosos de navios pertencentes às potências marítimas europeias, tanto em circulações comerciais como em batalhas. Tal figuração desenvolve-se sobretudo a partir da época das grandes navegações oceânicas, quando o conhecimento científico substitui as visões medievais geradas pela imaginação.

Ao princípio, concedia-se à representação de navios a função de cenário para temáticas religiosas. Mas as Províncias Unidas protestantes desenvolveram uma pintura ostentatória, laica, que pretendia ilustrar e divulgar os seus sucessos no mar contra o domínio dos Habsburgos da Espanha católica. Em meados do século XVII, os motivos preferenciais da afirmação de poder pela Holanda são os confrontos com a Inglaterra, a nova potência naval europeia.

A Idade do Trabalho

Trabalhos relacionados com o mar apontam atividades continuadas de resposta a necessidades fundamentais, tanto as de sobrevivência material (a pesca como fonte de alimento) como as das comunicações com outras terras (os comércios que implicam o movimento dos portos como lugares de abrigo e trânsito de pessoas, bens, serviços e culturas).

Os areais e os lodos junto ao mar também guardam meios de subsistência, que por vezes evidenciam a dureza da sobrevivência humana, em contraponto com a representação do negócio. A pesca prolonga-se no comércio, feito nas lotas ou nos centros urbanos, onde chegam às populações os alimentos do mar. Fecha-se assim o ciclo do trabalho.

Idade das Tormentas

A morfologia dos mares agitados e dos acontecimentos meteorológicos a eles associados, matéria de assombro e pavor que os pintores foram registando, relativiza a dimensão humana perante a sua violência destruidora.

Num jogo entre objetivos documentais e representações cenicamente fantasiadas, estas pinturas centram-se tanto no motivo das tormentas como no dos naufrágios que delas resultam, numa luta entre a força monumental da Natureza e a audácia humana para nela navegar.

O sentimento trágico é acentuado na representação dos naufrágios, com o desaparecimento das embarcações e das pessoas e bens. O cenário do mar pode assim propiciar reflexões éticas e políticas sobre o drama social da perda do pescador enquanto sustento da família e suscita também meditações transcendentais sobre a vida dos homens como povo ou sobre a definitiva solidão existencial do indivíduo.

A Idade Efémera

A partir de finais do século XIX, o mar é pretexto para exploração pictórica autónoma, pelas matérias resultantes da pincelada que restituem realidades sensorialmente mais intensas. O mar como objeto preferencial de contemplação gera mimetismos entre os estados anímicos do espetador e o mar nos seus diferentes tempos, originando muitas vezes o impulso da partida e da viagem. A praia estabelece-se como lugar de passeio das gentes burguesas, cuja circulação o caminho de ferro facilita. A moda das grandes temporadas de veraneio massifica-se durante o século XX, por impulsos sociais e lógicas sanitárias que levam à vulgarização dos banhos de mar.

<http://www.museu.gulbenkian.pt/> (adaptado)

1. As afirmações **a) a h)** referem-se a informações do texto.

(7 pontos)

Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas informações surgem no texto. Começa a sequência pela letra **e)**.

- a) Determinadas províncias protestantes usam a pintura para difundir os seus êxitos no mar.
- b) As imagens criadas pela imaginação na época medieval são substituídas por outras influenciadas pelo conhecimento científico.
- c) Os quadros passam a representar, por exemplo, o comércio nas lotas ou nos centros das cidades.
- d) O mar é referido nos textos bíblicos como cenário de milagres.
- e) Algumas das lendas fundadoras do universo e do ser humano são alvo de ilustração.
- f) O mar é objeto de contemplação e desperta sensações no espetador.
- g) O cenário do mar desencadeia reflexões sobre os dramas sociais e o sentido da vida humana.
- h) O registo pictórico da violência destrutiva do mar acentua o poder das forças da natureza.

2. Associa cada elemento da **coluna A** ao elemento da **coluna B** que lhe corresponde, de acordo com o sentido do texto.

(5 pontos)

Coluna A	Coluna B
a) Era representada nas pinturas como um tempo de confronto entre o Homem e o poder do universo que o rodeava.	1 Idade dos Mitos
b) Época em que o mar se destaca como fonte de recursos essenciais e veículo de comunicação.	2. Idade do Trabalho
c) Período que valoriza o mar sobretudo como espaço de fuga e recreio.	3. Idade do Poder
d) Etapa em que o mar é representado como um lugar habitado por divindades e seres fantásticos.	4. Idade das Tormentas
e) Época de afirmação das grandes potências marítimas.	5. Idade Efémera

3. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido

(3 pontos)

- a) O pronome «que» (linha 7) refere-se a «Neptuno e Anfitrite».
- b) O pronome «que» (linha 20) refere-se a «uma pintura ostentatória».
- c) O pronome «que» (linha 29) refere-se a «meios de subsistência».
- d) O pronome «que» (linha 35) refere-se a «matéria de assombro e pavor ».

Parte B

Lê o excerto de um episódio de *Os Lusíadas*. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado no final.

19

Já no largo Oceano¹ navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas²,
Que do gado de Próteo³ são cortadas,

20

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em consílio⁴ glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu fermoso,
Vem pela Via Láctea juntamente,
Convocados, da parte do Tonante⁵,
Pelo neto gentil do velho Atlante⁶.

21

Deixam dos sete céus⁷ o regimento⁸,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que só c' o pensamento
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.
Ali se acharam juntos, num momento,
Os que habitam o Arcturo congelado⁹
E os que o Austro tem¹⁰, e as partes onde
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.

22

Estava o Padre¹¹ ali, sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano¹²,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com ãa coroa e ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

23

Em luzentes assentos, marchetados¹³
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros Deuses todos, assentados
Como a Razão e a Ordem concertavam¹⁴:
Precedem os antigos, mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam;
Quando Júpiter alto assi dizendo,
C'um tom de voz começa grave e horrendo:

24

– Eternos moradores do luzente,
Estelífero pólo¹⁵ e claro assento¹⁶:
Se do grande valor da forte gente
De Luso¹⁷ não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados grandes certo intento
Que por ela se esqueçam os Humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

25

Já lhe foi, bem o vistes, concedido,
C'um poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Pois contra o Castelhana tão temido
Sempre alcançou favor do Céu sereno.
Assi que sempre, em fim, com fama e glória,
Teve os troféus pendentes da vitória¹⁸.

26

Deixo, Deuses, atrás a fama antiga
Que co'a gente de Rómulo¹⁹ alcançaram,
Quando, com Viriato, na inimiga
Guerra Romana tanto se afamaram.
Também deixo a memória que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que, peregrino,
Fingiu na cerva espírito divino²⁰.

27

Agora vedes bem que, cometendo²¹
O duvidoso mar, num lenho leve²²,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Áfrico e Noto²³ a força, a mais se atreve:
Que, havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve²⁴,
Inclinam seu propósito e perfia
A ver os berços onde nasce o dia²⁵.

28

Prometido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar que vê do Sol a roxa entrada²⁶.
Nas águas tem passado o duro Inverno;
A gente vem perdida e trabalhada²⁷.
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseje.

29

E, porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados²⁸
Nesta costa Africana como amigos.
E, tendo guarneçada a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J.
da Costa Pimpão, 2003

Vocabulário

¹ **Largo Oceano:** oceano Índico.

² **Consagradas:** sagradas.

³ **Gado de Próteo:** peixes (Próteo era o deus que guardava os peixes do Oceano).

⁴ **Consílio:** conselho, assembleia.

⁵ **Tonante:** Júpiter, deus do trovão.

⁶ **Neto gentil do velho Atlante:** Mercúrio, mensageiro dos deuses.

⁷ **Sete céus:** referência ao sistema de Ptolomeu (astrónomo, matemático e geógrafo grego, c. 85-160 d.C.), segundo o qual a Terra se encontrava no centro, rodeada por sete esferas imaginárias giratórias, às quais estavam fixos os astros seguintes: Lua, Mercúrio, Vénus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno.

⁸ **Regimento:** governação.

⁹ **Arcturo congelado:** Norte gelado (Arcturo é uma das estrelas mais brilhantes no céu terrestre e pertence a uma constelação do hemisfério norte).

¹⁰ **Os que o Austro tem:** os que habitam o Sul (o Austro é o vento que sopra de Sul).

¹¹ **Padre:** Júpiter, pai dos deuses.

¹² **Vulcano:** deus do fogo, filho de Júpiter e de Juno, que fabricava os raios para o seu pai.

¹³ **Marchetados:** embutidos, ornamentados.

¹⁴ **Concertavam:** determinavam.

¹⁵ **Estelífero polo:** céu estrelado.

¹⁶ **Claro assento:** trono resplandecente.

¹⁷ **Gente/De luso:** portugueses (descendentes de Luso, que era, por sua vez, suposto filho ou companheiro de Baco).

¹⁸ **Troféus pendentes da vitória:** colunas onde pendiam os despojos dos vencidos.

¹⁹ **Gente de Rómulo:** romanos.

²⁰ **Um por seu capitão, que, peregrino, / Fingiu na cerva espírito divino:** referência a Sertório, general romano dissidente de Roma que chefiou os lusitanos após a morte de Viriato e que fez a corça que trazia consigo passar por intérprete da deusa Diana.

²¹ **Cometendo:** desafiando.

²² **Lenho leve:** pequena embarcação.

²³ **Áfrico e Noto:** ventos do sudoeste e do sul.

²⁴ **Onde o dia é comprido e onde breve:** referência à diferente duração dos dias e das noites nos hemisférios norte e sul.

²⁵ **Berços onde nasce o dia:** oriente.

²⁶ **Mar que vê do Sol a roxa entrada:** oceano Índico.

²⁷ **Trabalhada:** cansada.

²⁸ **Agasalhados:** recebidos como amigos.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

4. Insere as estâncias de *Os Lusíadas* na estrutura externa e na estrutura interna da obra. (2 pontos)
5. Caracteriza a viagem descrita na estrofe 19, destacando o uso expressivo de duas formas verbais. (3 pontos)
6. Transcreve das estrofes 19 e 20 as duas expressões que introduzem temporalmente os dois planos narrativos e indica a relação que se estabelece entre estes. (3 pontos)

7. Diversas divindades comparecem no Consílio. (4,5 pontos)
Indica as etapas percorridas até ao início da reunião, referindo a forma como se organizavam os deuses antes de Júpiter começar o seu discurso.
8. Transcreve a expressão que indica o motivo da convocatória enviada por Júpiter, explicando o seu sentido por palavras tuas. (2 pontos)
9. Na estrofe 22, é descrito o pai dos deuses. (3 pontos)
Sintetiza as características de Júpiter, recorrendo a dois adjetivos à tua escolha que não estejam presentes na estrofe.
10. Relê os seguintes versos da estância 22. (2 pontos)
«Com ãa coroa e ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.»
Identifica o recurso expressivo presente nos versos transcritos e indica a sua função.
11. Relaciona o motivo deste consílio e o discurso de Júpiter com a intenção glorificadora do herói. (3 pontos)
12. Comprova que Júpiter utiliza uma perífrase para se dirigir ao auditório no início do discurso e indica o valor deste recurso. (2 pontos)
13. Explicita três argumentos utilizados por Júpiter para convencer os deuses do valor dos nautas portugueses. (4,5 pontos)

Parte C

14. Lê as estrofes 30 a 33 do Canto I de *Os Lusíadas*, a seguir transcritas, e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item 13. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado. (6 pontos)

30

Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro difiria,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco¹ ali não consentia²
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente
Se lá passar a Lusitana gente.

31

Ouvido tinha aos Fados que viria
Õa gente fortíssima de Espanha³
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da Índia tudo quanto Dóris⁴ banha,
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.
Altamente lhe dói perder a glória
De que Nisa⁵ celebra inda a memória.

32

Vê que já teve o Indo⁶ sojugado
E nunca lhe tirou Fortuna ou Caso
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água de Parnaso⁷.
Teme agora que seja sepultado
Seu tão célebre nome em negro vaso
D'água do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portugueses que navegam.

33

Sustentava contra ele Vénus⁸ bela,
Afeiçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nela
Da antiga tão amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grande estrela
Que mostraram na terra Tingitana⁹,
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

34

Estas causas moviam Cyterea¹⁰,
E mais, porque das Parcas¹¹ claro entende
Que há de ser celebrada a clara Dea¹²,
Onde a gente belígera¹³ se estende.
Assi que, um, pela infamia¹⁴ que arrecea,
E o outro, polas honras que pretende,
Debatem e na perfia¹⁵ permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem

Luís de Camões, Os Lusíadas, edição de
A. J. da Costa Pimpão, 2003

Vocabulário

¹ **Baco:** deus do vinho, conquistador da Índia e adorado no Oriente.

² **Não consentia:** discordava.

³ **Espanha:** Península Ibérica.

⁴ **Dóris:** Tétis, deusa do mar, é aqui designada pelo nome da sua mãe.

⁵ **Nisa:** lugar lendário onde Baco teria nascido.

⁶ **Indo:** habitante da Índia.

⁷ **Quantos bebem a água de Parnaso:** os poetas, que eram quem bebia a água da montanha de Parnaso, na Grécia, que dava inspiração poética.

⁸ **Vênus:** deusa do amor e da beleza.

⁹ **Terra Tingitana:** antiga província romana.

¹⁰ **Cyterea:** nome dado a Afrodite, deusa grega da fecundidade, da beleza e do

amor, cuja equivalente romana é Vénus.

¹¹ **Parcas:** Deusas que determinavam o destino dos homens.

¹² **Dea:** Deusa.

¹³ **Belígera:** guerreira.

¹⁴ **Infamia:** infâmia, desonra.

¹⁵ **Perfia:** porfia, obstinação.

Escreve um **texto expositivo**, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo das estrofes 30 a 34.

O teu texto deve incluir uma parte de introdução, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir:

- Identificação do episódio a que pertencem as estrofes e referência aos intervenientes.
- Apresentação da opinião dos deuses e referência a um argumento de defesa utilizado por cada um.
- Referência a duas características dos deuses em diálogo.
- Indicação de duas figuras de estilo utilizadas e transcrição dos versos correspondentes.
Apresentação do teu ponto de vista sobre a posição dos deuses, justificando a tua opinião.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

15. Identifica e classifica as orações subordinadas nas frases seguintes.

(4 pontos)

- Os argumentos que Marte usou convenceram-me.
- Já li este episódio tantas vezes, que já o conheço de memória.
- Disseste que tinhas um dicionário de mitologia?
- Embora não tenha acabado a leitura, estou fascinada com a descrição dos deuses.

- 16.** Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, utilizando conjunções e locuções conjuncionais das subclasses indicadas entre parênteses. Faz as alterações necessárias. **(4,5 pontos)**
- a) Baco silenciou-se.
Vénus apresentou os seus argumentos.
(locução subordinativa temporal)
- b) Os portugueses chegarão à Índia.
Os portugueses alcançarão o estatuto de heróis.
(conjunção subordinativa condicional)
- c) Marte discursava de um modo tão convicto.
Todos o ouvia matentamente.
(conjunção subordinativa consecutiva)
- 17.** Selecciona, para responderes a cada item (17.1 a 17.6), a única opção que permite obter uma afirmação correcta. **(3 pontos)**
- 17.1** No verso «Estava o Padre ali, sublime e dino, **Que** vibra os feros raios de Vulcano», a palavra destacada é
- a) uma conjunção coordenativa explicativa. c) uma conjunção subordinativa completiva.
b) uma conjunção subordinativa causal. d) um pronome relativo.
- 17.2** A oração subordinada introduzida pela palavra destacada em «Estava o Padre ali, sublime e dino, / **Que** vibra os feros raios de Vulcano» é
- a) subordinada adjetiva relativa. c) subordinada substantiva completiva.
b) subordinada adverbial causal. d) coordenada explicativa.
- 17.3** Nos versos «Já parece bem feito **que** lhe seja / Mostrada a nova terra que deseja.», a palavra destacada é
- a) um pronome relativo.
b) uma conjunção subordinativa completiva.
c) uma conjunção coordenativa conclusiva.
d) uma conjunção subordinativa causal.
- 17.4** A oração subordinada introduzida pela palavra destacada em «Já parece bem feito **que** lhe seja / Mostrada a nova terra que deseja.» é
- a) subordinada adjetiva relativa. c) subordinada substantiva completiva.
b) subordinada adverbial causal. d) coordenada conclusiva.
- 17.5** A frase «Quem viajou nas naus viveu uma experiência inesquecível» contém uma oração
- a) subordinada substantiva relativa. c) subordinada adjetiva relativa restritiva.
b) subordinada adjetiva relativa explicativa. d) subordinada substantiva completiva.
- 17.6** A frase que inclui uma conjunção coordenativa explicativa é
- a) «Como ainda temos tempo, vamos melhorar o trabalho.»
b) «Lê o episódio do Adamastor, pois a personagem é imponente.»
c) «Já acabei esta parte, portanto posso ajudar-te.»
d) «Não encontrei a informação sobre Baco, porque emprestei o dicionário de mitologia.»

18. Transcreve a oração subordinada que integra a frase complexa que se segue. (1,5 pontos)

«Todos os alunos que leram este episódio ficaram curiosos.»

19. Associa cada elemento da **coluna A** ao único elemento da **coluna B** que lhe corresponde, de modo a identificares a subclasse dos verbos. (5 pontos)

Coluna A	Coluna B
a) «Estava o Padre ali, sublime e dino.»	1 Verbo transitivo direto
b) «Que vibra os feros raios de Vulcano.»	2. Verbo transitivo indireto
c) «Os ventos brandamente respiravam.»	3. Verbo transitivo direto e indireto
d) «Vem pela Via Láctea juntamente»	4. Verbo copulativo.
e) «Tomar ao Mouro forte e guarnecido / Toda a terra»	5. Verbo intransitivo

20. Identifica as funções sintáticas dos constituintes destacados nas frases seguintes. (3 pontos)

- a) Vénus continuava **a favor dos portugueses**.
- b) Um desafio foi colocado **pelos deuses** a Júpiter.
- c) Júpiter ficou **impressionado** com a intervenção de Marte.

21. Reescreve as frases seguintes na passiva ou na ativa. (4 pontos)

- a) Na Proposição, Camões apresenta o assunto e o herói do seu canto.
- b) Diversos argumentos foram apresentados por Baco aos deuses reunidos.
- c) Todas as divindades ouviam atentamente as palavras de Júpiter.
- d) A partir dali, o futuro dos navegadores portugueses seria decidido pelo pai dos deuses.

GRUPO III

(25 pontos)

Nos livros, nos filmes, nas bandas desenhadas ou mesmo na nossa família ou no nosso ciclo de amigos conhecemos personagens que nunca esquecemos e que, frequentemente, passamos a considerar heróis.

Escreve um **texto argumentativo** em que apresentes a tua posição relativamente à importância dos heróis na nossa vida e no nosso crescimento.

O teu texto deve incluir:

- Introdução — apresentação do teu ponto de vista sobre este tema.
- Desenvolvimento — apresentação dos teus argumentos e de eventuais exemplos.
- Conclusão — reforço da tua opinião.

Revê cuidadosamente o teu texto.

FIM

Observações relativas ao Grupo III:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2008/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - a um texto com extensão inferior a 60 palavras é atribuída a classificação de 0 (zero) pontos;
 - nos outros casos, um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos) do texto produzido.

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade consulta o vocabulário no final.

Partida

Despachadas as cousas todas, o Governador se embarcou e se fez à vela meado março, indo ele embarcado na nau São Thomé. Em a qual frota, além de gente ordenada para a navegação das naus, iriam até mil e quinhentos homens de armas, todos gente limpa, em que entravam muitos fidalgos e moradores da casa de el-rei, os quais iam ordenados para ficar na Índia, e por regimento que el-rei então fez eram obrigados a servir lá três anos contínuos.

Despachada a bagagem dita de porão, embarcámos aos trinta dias de novembro num avião sem nome de santo mas dotado do dom de trespassar os céus a altas velocidades. Além da tripulação e dos outros passageiros, éramos cerca de três dezenas de gente limpa em que entravam alguns antigos e atuais moradores da casa da governação do Estado, e não nos esperavam meses e meses sem fim no mar até à Índia, nem lá ficaríamos três anos contínuos.

Índia: o que nos traz esta palavra? Mahatma Gandhi¹, Ganges², Gama, Goa, Buda, guru³, Vedas⁴, Ayurveda⁵, karma⁶, Kama Sutra⁷, Mahabharata⁸, encantadores de cobras, faquires, elefantes, tigres de Bengala, vacas sagradas, fogueiras crematórias, yoga⁹, mantra¹⁰, dharma¹¹, castas¹², párias¹³, Taj Mahal¹⁴, Akbar¹⁵, palácios de rajás, turbantes e joias, pedras preciosas, diamantes rosa, colares, pingentes, braceletes, sedas, saris¹⁶, caxemiras¹⁷, açafraão¹⁸, Assam¹⁹, Darjeeling²⁰, caril, gergelim²¹, hinduísmo²², Hightech²³, Meca²⁴, Calcutá²⁵, Bollywood²⁶, Bombaim²⁷, Benares²⁸...

A Bombaim contávamos chegar na noite seguinte. Chegar a meio da noite a uma cidade que não se conhece pode torná-la mais estranha ainda. As primeiras pessoas avistadas, as primeiras palavras ouvidas, o ar leve ou pesado, a brisa, caso a haja, carregada de ruídos próximos ou longínquos, que não se sabe de onde vêm e intrigam mais por isso, tudo adquire uma importância inusual. Num misto de curiosidade e de cansaço, adivinho em vez de ver, a fadiga alerta-me os sentidos, os ouvidos tornam-se mais atentos, as narinas mais sensíveis, reparo melhor em cada ser, em cada som ou cheiro, sem saber se fico mais consciente de mim mesmo ou se o espírito do lugar toma conta de mim e me dissolve nele.

Suspeito, sem nenhum fundamento, que em certos lugares somos assaltados de modo enigmático pelo difuso pulsar de existências passadas, pela memória acumulada daqueles que antes de nós ali passaram. Lembro-me de descer de noite do comboio em Veneza num longínquo novembro, caminhar ao longo da gare quase vazia, sair do átrio da estação e deparar com as luzes mortíferas na outra margem do canal, junto a uma igreja iluminada. Os nossos passos em direção ao cais dos *vaporetti* pareciam ser o único som naquele silêncio, até que adivinhámos ao longe a vibração de um barco a motor crescendo por cima do marulhar das águas, embatendo contra os degraus de pedra da praceta, contra as fatigadas fachadas dos palácios, e tive a sensação de reconhecer o desconhecido, de já ter ali estado.

Não senti isto na madrugada deste outro novembro ao sair do avião em Bombaim, aliás Mumbai, cidade babilónica cuja insónia produz coisas espantosas, misturando o mais arcaico da humanidade com o presente mais caótico, num caldo em que se confunde e explode tudo o que é antagónico.

Salman Rushdie, nascido em Mumbai no ano da independência da Índia, chama-lhe filha mestiça de um casamento luso-britânico: aqui a Índia encontrou o que não era Índia, aquilo que veio vindo por cima das águas sombrias do mar.

Almeida Faria, *O Murmúrio do Mundo, A Índia Revisitada*, Tinta-da-china, 2012

Vocabulário

¹ **Mahatma Gandhi:** (1869-1948) líder espiritual e pacifista, defensor causa independentista indiana. Foi assassinado a tiro por um fanático da religião hindu.

² **Ganges:** rio da Índia.

³ **Guru:** líder religioso budista ou hindu.

⁴ **Vedas:** cada um dos quatro livros sagrados dos Hindus, escritos em sânscrito.

⁵ **Ayurveda:** um dos livros sagrados Hindu.

⁶ **Karma:** destino.

⁷ **Kama Sutra:** tratado indiano sobre a arte de amar.

⁸ **Mahabharata:** texto épico indiano, com mais de 74 000 versos em sânscrito.

⁹ **Yoga:** disciplina tradicional hindu que visa a libertação e a união com o absoluto através de práticas espirituais e corporais.

¹⁰ **Mantra:** meditação.

¹¹ **Dharma:** lei que rege a realidade moral e social, indicando ao indivíduo a forma correcta de agir, de acordo com a sua casta e posição dentro da sociedade.

¹² **Castas:** grupo social hereditário e fechado, em que os membros pertencem à mesma etnia, profissão ou religião.

¹³ **Párias:** indiano que, segundo o antigo sistema de castas, pertencia à casta mais baixa, sendo segregado pela sociedade e privado de todos os direitos religiosos.

¹⁴ **Taj Mahal:** mausoléu, o mais conhecido monumento da Índia.

¹⁵ **Akbar:** terceiro imperador mongol da Índia.

¹⁶ **Saris:** traje típico das mulheres indianas.

¹⁷ **Caxemiras:** fazenda fina fabricada a partir de lã de cabra da região de Caxemira.

¹⁸ **Açafrão:** planta cujos estigmas são empregados para tingir de amarelo, como tempero e usados em medicina como remédio.

¹⁹ **Assam:** um dos estados da Índia.

²⁰ **Darjeeling:** cidade internacionalmente famosa pela sua indústria do chá.

²¹ **Gergelim:** planta muito cultivada nalgumas regiões tropicais devido ao óleo que se extrai das suas sementes.

²² **Hinduísmo:** religião indiana

²³ **Hightech:** alta tecnologia associada à cidade indiana de Bangalore devido à existência de muitas empresas de *software*.

²⁴ **Meca:** cidade natal do profeta Maomé; o local mais sagrado de reunião a religião islâmica.

²⁵ **Calcutá:** capital e maior cidade do estado de Bengala Ocidental, na Índia.

²⁶ **Bollywood:** nome dado à indústria de cinema de língua hindi, a maior indústria de cinema indiana.

²⁷ **Bombaim:** maior e mais importante cidade da Índia.

²⁸ **Benares:** cidade indiana.

1. Classifica cada uma das afirmações seguintes (1.1 a 1.7), como verdadeira ou falsa, apresentando uma alternativa verdadeira para as frases falsas. (7 pontos)

1.1 Os viajantes referidos no texto em epígrafe partiram na mesma altura do ano em que embarcaram as personagens do texto narrativo principal.

1.2 É visível a presença de uma hierarquia social nos passageiros das naus.

1.3 O narrador chega a Bombaim a meio da noite e na data prevista.

1.4 Quando chega a Bombaim, o ambiente desperta o sentido visual do narrador.

1.5 Segundo o narrador, os lugares que visitamos ao viajar permitem-nos confrontar-nos com as memórias do passado.

1.6 No percurso até à Índia, o narrador faz escala em Veneza.

1.7 A cidade de Bombaim distingue-se das outras cidades da Índia devido à influência portuguesa e inglesa.

2. Relê a expressão seguinte: «num avião sem nome de santo mas dotado do dom de trespassar os céus a altas velocidades.» (linhas 6-7). Explica o sentido da expressão, tendo em conta a comparação com o texto em epígrafe. (2 pontos)
3. Selecciona, para responderes a cada item (3.1 a 3.7), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. (7 pontos)
- 3.1 As duas viagens narradas têm em comum o
- a) destino.
 - b) meio de transporte.
 - c) número de passageiros.
 - d) tempo de estada.
- 3.2 Em relação ao texto em epígrafe, o texto principal foi redigido numa data
- a) anterior.
 - b) posterior.
 - c) simultânea.
 - d) muito anterior.
- 3.3 Nas linhas 11 a 16, a enumeração destaca
- a) a diversidade de elementos encontrados pelo narrador na Índia.
 - b) tudo o que o narrador desejava encontrar na Índia.
 - c) referências à Índia, feitas por um amigo.
 - d) muitas das palavras que o vocábulo Índia evoca.
- 3.4 Relativamente à Índia, o narrador do texto realça
- a) o exotismo e a cor.
 - b) a modernidade e o ruído.
 - c) o movimento e o exotismo.
 - d) a cor e a modernidade.
- 3.5 O ponto de vista do narrador quando chega a Bombaim é influenciado pelo facto de
- a) avistar poucas pessoas.
 - b) ouvir uma língua diferente.
 - c) ser de noite.
 - d) estar atento aos ruídos próximos.
- 3.6 A palavra «antagónico» na linha 36 pode ser substituída por
- a) estranho.
 - b) desconhecido.
 - c) caótico.
 - d) contrário.
- 3.7 Na linha 34, a palavra «aliás» introduz a ideia de
- a) contraste.
 - b) explicação.
 - c) alternativa.
 - d) conclusão.

4. Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

(3 pontos)

- a) O pronome «la» (linha 18) refere-se a «uma cidade».
- b) O pronome «a» (linha 19) refere-se a «a brisa».
- c) O pronome «que» (linha 20) refere-se a «ruídos».
- d) O advérbio «aqui» (linha 38) refere-se a «Mumbai».

Parte B

Lê o excerto de um episódio de *Os Lusíadas*. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado no final.

70

Mas, neste passo, assi prontos estando¹,
Eis o mestre², que olhando os ares anda,
O apito toca. Acordam, despertando,
Os marinheiros d'ũa e doutra banda.
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas³ tomar manda.
– Alerta, disse, estai, que o vento crece
Daquela nuvem negra que aparece. –

71

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e súbita procela⁴.
– Amaina⁵, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela! –
Não esperam os ventos indinados
Que amainassem, mas, juntos dando nela,
Em pedaços a fazem c'um ruído
Que o Mundo pareceu ser destruído.

72

O céu fere com gritos nisto a gente,
C'um súbito temor e desacordo⁶;
Que, no romper da vela, a nau⁷ pendente
Toma grão suma de água pelo bordo.
– Alija⁸, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo⁹!
Vão outros dar à bomba, não cessando.
À bomba, que nos imos alagando! –

73

Correm logo os soldados animosos
A dar à bomba; e, tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram à nau, num bordo os derribaram.
Três marinheiros, duros e forçosos,
A menear¹⁰ o leme não bastaram;
Talha¹¹ lhe punham, d'ũa e doutra parte,
Se aproveitar dos homens força e arte¹².

74

Os ventos eram tais que não puderam
Mostrar mais força de ímpeto cruel,
Se pera derribar então vieram
A fortíssima torre de Babel¹³.
Nos altíssimos mares, que cresceram,
A pequena grandura dum batel
Mostra a possante nau, que move espanto
Vendo que se sustém nas ondas tanto

75

A nau grande¹⁴, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o masto¹⁵ pelo meio,
Quasi toda alagada; a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vão¹⁶ ao ar derrama
Toda a nau de Coelho¹⁷, com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento
Que primeiro amainou que desse o vento.

76

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo;
Agora a ver parece que deciam
As íntimas entranhas do Profundo¹⁸.
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo¹⁹, queriam
Arruinar a máquina do Mundo;
A noite negra e feia se alumia
C'os raios em que o Pólo²⁰ todo ardia!

77

As Alcióneas aves²¹ triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto²²,
Que as furiosas águas lhe causaram.
Os delfins²³ namorados, entretanto,
Lá nas covas marítimas entraram,
Fugindo à tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

Vocabulário

¹ «Mas, neste passo, assi prontos estando»: ouvindo a narrativa de Fernão Veloso sobre os Doze de Inglaterra, uma história de cavalaria.

² **Mestre**: comandante de barco, arrais.

³ **Traquetes das gáveas**: velas junto das plataformas colocadas a uma certa altura dos mastros.

⁴ **Procela**: tormenta no mar, tempestade.

⁵ **Amaina**: colhe as velas.

⁶ **Desacordo**: delírio, perturbação.

⁷ **Nau**: referência à nau S. Gabriel.

⁸ **Alija**: lança carga ao mar.

⁹ **Acordo**: atenção, presença de espírito.

¹⁰ **Menear**: manobrar.

¹¹ **Talhas**: cordas que se atam à cana do leme para governar melhor em alturas de tempestade.

¹² «Se aproveitar dos homens força e arte»: a ver se ajudava a força e a habilidade dos homens.

¹³ **Torre de Babel**: segundo a narrativa bíblica no Génesis, foi uma torre construída pelos descendentes de Noé, na Babilónia (Mesopotâmia), com o objetivo de chegarem ao céu, sendo que Deus os castigou confundindo-lhes as línguas e lançando ventos tremendos para a derrubar.

¹⁴ **Nau grande**: nau S. Rafael, capitaneada por Paulo da Gama.

¹⁵ **Masto**: mastro.

¹⁶ **Vãos**: inúteis.

¹⁷ **Nau de Coelho**: a caravela Bérrio, capitaneada por Nicolau Coelho.

¹⁸ **Profundo**: inferno.

¹⁹ **Noto, Austro, Bóreas, Áquilo**: ventos do Sul (Noto e Austro) e ventos do Norte (Bóreas e Áquilo).

²⁰ **Pólo**: céu.

²¹ **Alcióneas aves**: aves marinhas (maçaricos), que piavam lamentosamente.

²² **Passado pranto**: referência ao mito grego, segundo o qual Alcíone, filha de Éolo, rei dos Ventos, se atirou ao mar por ver o corpo do esposo morto nas ondas, após um naufrágio; Alcíone e o seu esposo, Ceíce, filho da Estrela da manhã, transformaram-se então em alcíones.

²³ **Delfins**: golfinhos

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

5. Insere as estâncias de *Os Lusíadas* na estrutura externa e na estrutura interna da obra. (2 pontos)

6. Caracteriza a atitude do comandante da nau antes do início tempestade. (3 pontos)
Transcreve um verso que ilustre as tuas afirmações.

7. Relê as estâncias 71 e 72. (2 pontos)
Indica a primeira consequência da tempestade.

8. Identifica o recurso expressivo utilizado para referir os ventos na estrofe 71 e indica o seu valor. (3 pontos)

9. Indica a reação dos ocupantes da nau nas estâncias 72 e 73. (4 pontos)

10. Elabora uma paráfrase das estâncias 75 e 76, ou seja, rescreve-as por palavras tuas. (5 pontos)

11. Identifica a reação de dois elementos da natureza perante a força da tempestade. (2 pontos)

12. Seleciona de entre as duas opiniões abaixo aquela que melhor se adequa ao sentido deste episódio. (4 pontos)

Ana: *Neste episódio é evidente a força da natureza.*

Pedro: *Nestas estrofes é indiscutível a capacidade de resistência dos navegadores.*

Justifica a tua opinião, fundamentando-a na leitura do texto.

Parte C

13. Lê as estrofes 120 a 123 do Canto III de *Os Lusíadas*, transcritas abaixo, e responde, de forma completa e bem estruturada. (5 pontos)

120

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledó e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinuando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

121

Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam.
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

122

De outras belas senhoras e Princesas
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo, em fim, tu, puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,

123

Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo c'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra ãa fraca dama delicada?

Luis de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão, 2003

Elabora um **reconto** sucinto, com um mínimo de 100 e um máximo de 120 palavras, no qual explicites o conteúdo das estrofes 120 a 123, referentes ao episódio de Inês de Castro.

O teu reconto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação de forma a resumires os acontecimentos mais importantes, excluindo os elementos que não são determinantes para a compreensão da informação essencial.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

14. Identifica e classifica as orações destacadas nas frases seguintes.

(4,5 pontos)

- a) «Mas, neste passo, assi prontos estando, / Eis o mestre, que olhando os ares anda, / O apito toca.»
- b) «– Alerta, disse, estai, **que o vento crece.**»
- c) «– Alerta, disse, estai, que o vento crece / Daquela nuvem negra **que aparece.** –»

15. Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, utilizando conjunções e locuções conjuncionais das subclasses indicadas entre parênteses. Faz as alterações necessárias. (4,5 pontos)

a) A tempestade ainda não tinha chegado.

O mestre deu ordem de alerta

(conjunção coordenativa adversativa)

b) O vento era cada vez mais forte.

Os navegadores pareciam amedrontados.

(conjunção subordinativa causal)

c) O mestre dava ordens convictas.

O mestre comandava a nau.

(pronome relativo)

16. Selecciona, para responderes a cada item (16.1 a 16.3), a única opção que permite obter uma afirmação correta. (4,5 pontos)

16.1 Na frase «Os ventos, **assustadores e violentos**, pareciam arruinar a máquina do mundo» a expressão destacada desempenha a função sintática de

a) sujeito.

b) modificador de nome apositivo.

c) modificador de nome restritivo.

d) vocativo.

16.2 A frase que inclui um modificador de nome restritivo é

a) «A epopeia de Camões canta a glória da pátria.»

b) «*Os Lusíadas*, obra do renascimento, obedecem aos moldes clássicos.»

c) «Tágides, dai-me uma inspiração grandiosa – disse Camões.»

d) «O episódio da tempestade, que parece verídico, é realmente impressionante.»

16.3 Na frase «Durante a tempestade o mestre da nau foi **prudente e determinado**.», a expressão destacada desempenha a função sintática de

a) modificador de nome apositivo.

b) predicativo do sujeito.

c) modificador de nome restritivo.

d) complemento direto.

17. Classifica os verbos sublinhados nas frases. (3 pontos)

a) Inês parecia feliz e apaixonada.

b) O rei determina tirar Inês ao mundo.

18. Reescreve a frase seguinte na passiva. (2,5 pontos)

«Na Proposição, Camões apresenta o assunto e o herói do seu canto.»

19. Reescreve as frases, substituindo as expressões destacadas por formas dos pronomes pessoais. (6 pontos)
- a) No canto III, Vasco da Gama contará **a História de Portugal** ao Rei de Melinde.
 - b) Tétis fez **um pedido** a Vasco da Gama.
 - c) Vénus ajudaria **os portugueses**, sempre que estivessem em perigo.
 - d) Camões dedicou ***Os Lusíadas*** a **D. Sebastião**.

GRUPO III

Tendo em conta os diversos passos de *Os Lusíadas* que estudaste, escreve um **comentário crítico** com 200 a 250 palavras sobre o modo como o Poeta procede à glorificação do seu herói. (25 pontos)

O teu texto deve incluir:

Introdução — apresentação do teu ponto de vista sobre este tema.

Desenvolvimento — apresentação dos teus argumentos e de eventuais exemplos da obra.

Conclusão — reforço da tua opinião.

Revê cuidadosamente o teu texto.

FIM

Observações relativas ao Grupo III:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2008/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - a um texto com extensão inferior a 60 palavras é atribuída a classificação de 0 (zero) pontos;
 - nos outros casos, um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos) do texto produzido.

GRUPO I

Parte A

Lê o seguinte texto de Lucrecio, autor latino que viveu no século I a.C., e a respetiva introdução, escrita por Rómulo de Carvalho. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado no final.

Lucrecio, poeta romano que nasceu há mais de dois mil anos, escreveu um longo poema, cujo título, em português, poderia ser «Sobre a Natureza das Coisas». Lucrecio acreditava que a matéria fosse constituída por pequeníssimos corpúsculos¹, mas compreendia que as outras pessoas não acreditassem, em virtude de esses corpúsculos serem invisíveis. Então, para convencer os seus leitores de que isso não era razão bastante para não acreditarem, mostrou-lhes, do modo que se segue, como decorrem certos processos naturais:

«Se pendurares as tuas roupas na margem onde as ondas vêm bater, verás como ficam húmidas; se as estenderes ao sol ficarão secas. Entretanto ninguém vê como é que a água entrou nelas nem como saiu delas, e isso só foi possível desde que a água se tivesse dividido em partículas que os nossos olhos não distinguem de maneira nenhuma.

O anel que trazemos nos dedos vai-se, com o tempo, adelgaçando pelo lado de dentro; as gotas de água que caem repetidas vezes fazem covas nas pedras; o ferro curvo da charrua embota-se² insensivelmente ao cavar o sulco na terra; as pedras que calçam as ruas gastam-se com os passos da multidão; e as estátuas de bronze colocadas à entrada das habitações apresentam as mãos gastas pelos beijos dos transeuntes³ que lhes prestam culto. Reconhecemos que todos estes objetos se gastam pelo uso. E que partículas são estas que se perdem constantemente?

A Natureza encobriu-nos esse espetáculo. A nossa vista não pode perceber o que a Natureza acrescenta aos corpos, pouco a pouco, para os fazer crescer gradualmente, nem os nossos olhos percebem aquilo que o tempo vai arrancando aos corpos à medida que envelhecem.

Os rochedos que se erguem acima do mar estão sempre a ser roídos pelo sal das águas e a sofrerem desgastes que não conseguimos ver.

É assim, por intermédio de corpos invisíveis, que a Natureza realiza a sua obra.»

Rómulo de Carvalho, *A Natureza Corpuscular da Matéria*,
Cadernos de Iniciação Científica, Sá da Costa Editora, 1989

Vocabulário

¹ **Corpúsculos:** pequenas partículas.

² **Embota-se:** gasta-se.

³ **Transeuntes:** pessoas que circulam na rua.

1. As afirmações **a)** a **h)** baseiam-se em informações do texto.

(7 pontos)

Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas informações aparecem no texto. Inicia a tua sequência com a letra **d)**.

a) Lucrecio é autor de um poema sobre a natureza das coisas.

b) A maioria das pessoas não acreditava na existência dos corpúsculos por estes serem invisíveis.

- c) O poeta interroga-se sobre as partículas que se vão desgastando com o tempo.
- d) Lucrécio viveu há mais de dois mil anos.
- e) O poeta defende que a água se divide em partículas invisíveis ao olhar humano.
- f) Para defender a sua teoria sobre a natureza das coisas, Lucrécio escreveu um texto.
- g) Lucrécio tinha a convicção de que a matéria era constituída por pequenas partículas.
- h) A Natureza tem processos invisíveis ao olhar.

2. Classifica as afirmações como verdadeiras ou falsas, apresentando uma alternativa verdadeira para as frases falsas. (4 pontos)

- a) O autor expõe o facto a ser explicado a partir de vários exemplos do quotidiano.
- b) O autor opta por dar a explicação para o fenómeno logo no início do texto.
- c) O autor nunca se interroga.
- d) O autor apresenta uma conclusão.

3. Selecciona, para responderes a cada item (3.1 a 3.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. (8 pontos)

3.1 Na expressão «Se pendurares as tuas roupas na margem onde as ondas vêm bater» (linha 7), a palavra destacada exprime uma

- a) possibilidade.
- b) explicação.
- c) condição.
- d) oposição.

3.2 A vírgula presente na frase seguinte «Se pendurares as tuas roupas na margem onde as ondas vêm bater, verás como ficam húmidas» tem a função de

- a) isolar o vocativo.
- b) separar a oração subordinada da subordinante.
- c) separar uma oração coordenada iniciada por conjunção coordenada adversativa.
- d) separar os elementos de uma enumeração.

3.3 No terceiro parágrafo o recurso expressivo predominante é a

- a) adjetivação.
- b) hipérbole.
- c) comparação.
- d) enumeração.

3.4 No último parágrafo do texto, Lucrécio conclui que

- a) a água se divide em partículas.
- b) existem processos impercetíveis ao olhar na Natureza.
- c) o tempo desgasta a matéria.
- d) a natureza acrescenta e arranca elementos aos corpos.

Parte B

Lê o poema de José Gomes Ferreira.

Aquela nuvem
parece um cavalo...

Ah! se eu pudesse montá-lo!

Aquela?
Mas já não é um cavalo,
é uma barca à vela.

Não faz mal.
Queria embarcar nela.

Aquela?
Mas já não é um navio,
é uma Torre Amarela
a vogar no frio
onde encerraram uma donzela.

Não faz mal.
Quero ter asas
para espreitar da janela.

Vá lancem-me ao mar
donde voam as nuvens
para ir numa delas
tomar mil formas
com sabor a sal
– labirinto de sombras e de cisnes
no céu de água-sol-vento-luz concreto e irreal...

José Gomes Ferreira, *Poeta militante II*, Moraes Editores, 1983

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

4. No poema, o sujeito poético levanta várias hipóteses, às quais associa um desejo. (4 pontos)
Indica as hipóteses levantadas pelo sujeito e identifica os desejos associados a cada uma.
5. Refere o valor expressivo das reticências no segundo verso. (2 pontos)
6. Identifica a característica das nuvens evidenciada nas estrofes 3 e 5 e indica a expressão que intensifica essa característica. (5 pontos)

7. Caracteriza a atitude do sujeito poético ao observar as nuvens. (2 pontos)
8. Indica três recursos que evidenciam o entusiasmo do sujeito, à medida que vai observando as nuvens. Explicita o objetivo da sua utilização. (4 pontos)
9. Identifica o pedido do sujeito poético na última estrofe, justificando-o. (2 pontos)
10. Observa os versos seguintes e explicita o seu significado. (3 pontos)
- «– labirinto de sombras e de cisnes
no céu de água-sol-vento-luz concreto e irreal...»
11. Classifica as estrofes do poema quanto ao número de versos. (3 pontos)
- 11.1 Apresenta um exemplo de rima cruzada.
- 11.2 Faz a escansão do primeiro verso da última estrofe e classifica-o.

Parte C

12. Lê o excerto do texto de Sophia de Mello Breyner Andresen. (6 pontos)

«Pois a poesia é a minha explicação com o universo, a minha convivência com as coisas, a minha participação no real, o meu encontro com as vozes e as imagens. Por isso o poema não fala duma vida ideal mas sim duma vida concreta: ângulo da janela, ressonância das ruas, das cidades e dos quartos, sombra dos muros, aparição dos rostos, silêncio, distância e brilho das estrelas, respiração da noite, perfume da tília e do orégão.

É esta relação com o universo que define o poema como poema...»

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Obra Poética*, Caminho, 2010

Após a leitura do poema «Aquela nuvem» e do excerto do texto de Sophia de Mello Breyner, um professor propôs aos alunos a criação de uma antologia poética. Tendo em conta que o texto de Sophia de Mello Breyner Andresen e o poema de José Gomes Ferreira seriam os primeiros textos a integrar essa antologia, os alunos propuseram três títulos para a compilação.

O olhar do poeta

Poesia das coisas

Poesia do universo

Em qual destas antologias incluirias os textos propostos?

Justifica a tua opção, apresentando três argumentos que a justifiquem e fundamentando-a com elementos dos dois textos.

Escreve um **texto expositivo**, com um mínimo de 70 e um máximo de 150 palavras.

O teu texto deve incluir uma parte de introdução, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

13. Identifica, nas palavras apresentadas, as seguintes sequências de sons: (1,5 pontos)

– *sombras* – *noite* – *navio*

- a) ditongo
- b) hiato
- c) grupo consonântico

14. Classifica os ditongos presentes nas palavras seguintes: (3 pontos)

- a) espreitar
- b) não

15. Indica a vogal e a semivogal de cada ditongo. (2 pontos)

16. Classifica as palavras seguintes quanto ao número de sílabas e à posição da sílaba tónica. (5 pontos)

- | | | |
|-------------|-------------|---------|
| a) aparição | c) orégão | e) real |
| b) imagens | d) silêncio | |

17. Identifica o tipo de relação estabelecida entre as palavras de cada par. (6 pontos)

- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| a) vela / barco | c) encerrar / prender |
| b) sombra / claridade | d) cisne / ave |

17.1 Classifica essas palavras, tendo em conta o tipo de relação que estabelecem entre si.

18. Identifica o modificador do nome presente nos versos seguintes. (1,5 pontos)

*«Vá lancem-me ao mar
donde voam as nuvens»*

19. Indica e classifica o modificador do nome presente em cada frase. (4 pontos)

- a) Os meninos que observam os céus são surpreendidos pelas formas das nuvens.
- b) As nuvens, brancas, leves e suspensas, parecem cavalos, cisnes ou barcos à vela.

20. Escreve uma frase em que a palavra «nuvem» tenha um significado diferente do que lhe é atribuído no poema. (2 pontos)

20.1 Classifica a palavra «nuvem», tendo em conta o facto de ter mais de um significado.

GRUPO III

(25 pontos)

Numa passagem do texto da **Parte B**, o sujeito observa o espaço que o rodeia e que desperta a sua imaginação. Imagina-te no papel de sujeito observador e escreve uma **carta** a uma pessoa tua amiga, real ou imaginária. Na tua carta, relata-lhe um episódio relacionado com um espaço da natureza ou um elemento do universo que gostasses de partilhar.

Respeita os aspetos formais da carta.

Escreve um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Não assines a carta com o teu nome, mas com a expressão «Um amigo» ou «Uma amiga».

Não indiques a localidade em que te encontras.

Toma atenção às instruções que se seguem.

- Organiza as ideias de forma coerente.
- Revê o texto com cuidado e, se necessário, corrige-o.

FIM

Observações relativas ao Grupo III:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2008/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - a um texto com extensão inferior a 60 palavras é atribuída a classificação de 0 (zero) pontos;
 - nos outros casos, um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até dois pontos) do texto produzido.

«Dois homens, a mesma viagem, um século depois»

Antes de iniciares a audição da notícia «Dois homens, a mesma viagem, um século depois» lê o questionário. Em seguida, ouve atentamente a informação e responde às perguntas. **(10 pontos cada item)**

1. Completa as afirmações, selecionando a alternativa correta.

1.1 No início da notícia, a jornalista afirma que a aventura narrada decorre num lugar

- a)** pouco hospitaleiro. **b)** inesperado. **c)** desértico. **d)** surpreendente.

1.2 A primeira aventura até este local passou-se há cerca de

- a)** 60 anos. **b)** cem anos. **c)** meio século. **d)** um século e meio.

1.3 O percurso até ao destino é feito

- a)** por terra plana. **b)** pelo mar. **c)** por montanhas. **d)** pelo ar.

1.4 A maior diferença entre a viagem efetuada no passado e a viagem atual consiste no facto de

- a)** o percurso ser hoje mais acessível.
b) o número de exploradores ter sido menor no passado.
c) atualmente existirem meios tecnológicos à disponibilidade dos exploradores.
d) as condições climáticas serem diferentes.

1.5 Os exploradores desta aventura são de nacionalidade

- a)** australiana e americana. **b)** inglesa e americana.
c) finlandesa e australiana. **d)** irlandesa e australiana.

1.6 O objetivo da primeira aventura na Antártida era

- a)** chegar até lá. **b)** atravessar esse local.
c) ficar ali nove meses. **d)** permanecer ali cinco meses.

1.7 Durante a primeira aventura comandada por Ernest Shackleton,

- a)** tudo decorreu sem percalços. **b)** o barco afundou-se.
c) a equipa perdeu-se. **d)** ficaram 5 meses a viver no gelo.

1.8 Em 1916, Ernest Shackleton conseguiu chegar à ilha Elefante com a sua equipa

- a)** no mesmo barco que os levara até à Antártida. **b)** num pequeno barco.
c) no barco de uma outra equipa. **d)** a pé, caminhando pelo gelo.

1.9 Tim Jarvis irá tentar repetir a viagem

- a)** fazendo o mesmo percurso, mas com condições totalmente diferentes.
b) repetindo a parte final da viagem nas mesmas condições de sobrevivência.
c) repetindo a parte final da viagem com condições totalmente diferentes.
d) fazendo o mesmo percurso nas mesmas condições de sobrevivência.

2. Esta segunda viagem tem um novo objetivo. Identifica-o.

1. De acordo com a informação que ouviste, classifica cada afirmação como verdadeira ou falsa, apresentando uma alternativa verdadeira para as frases falsas. **(10 pontos cada item)**

1.1 O fonógrafo foi inventado no século XX.

1.2 Quando surgiu, o fonógrafo foi uma inovação que alterou moderadamente a forma de ouvir música.

1.3 A finalidade do fonógrafo era gravar e reproduzir som.

1.4 A partir do aparecimento do fonógrafo, os amantes de música passaram a não estar dependentes dos contextos de emissão.

1.5 A primeira reprodução feita através do fonógrafo foi efetuada por uma atriz.

1.6 Uma das grandes vantagens do fonógrafo foi a divulgação mundial das músicas dos diversos países.

1.7 Em Portugal, as primeiras gravações foram feitas na capital, no início do século XX.

1.8 O som do fonógrafo é mais apreciado por especialistas por ser mais limpo do que o som do CD.

1.9 Pode considerar-se que o fonógrafo é o aparelho pioneiro no que diz respeito a processos de gravação musical.

1.10 Alguns colecionadores consideram o fonógrafo o mais fidedigno reproduutor de som.

Antes de iniciares a audição da narrativa «A Morte madrinha», lê o questionário. Em seguida, ouve atentamente o texto e responde às perguntas. **(10 pontos cada item)**

1. Completa as afirmações, selecionando a alternativa correta.

1.1 O homem foi à procura de um padrinho porque

- a) era pobre.
- b) tinha uma dúzia de filhos.
- c) nascera o décimo terceiro filho.
- d) já tinha onze filhos.

1.2 O homem decidiu que o padrinho para o seu filho seria

- a) Deus.
- b) o seu melhor amigo.
- c) o Diabo.
- d) o primeiro que aparecesse no caminho.

1.3 Deus disse ao homem que

- a) zelaria pelo seu filho na terra.
- b) cuidaria do seu filho na terra e no céu.
- c) tomaria conta do seu filho no céu.
- d) ajudaria o seu filho a cuidar de si próprio.

1.4 A personagem a quem o homem reconhecia o dom da neutralidade era

- a) ele próprio.
- b) Deus.
- c) o Diabo.
- d) a Morte.

1.5 A Morte madrinha prometeu que garantiria ao afilhado

- a) virtude e riqueza.
- b) abundância e notabilidade.
- c) justiça e glória.
- d) felicidade e opulência.

2. Responde às questões de forma breve.

2.1 Indica as duas condições apresentadas pela Morte madrinha para que os doentes se salvassem.

2.2 Qual era a decisão da Morte perante a doença do rei?

2.3 Refere o motivo que levou o rapaz a enganar a Morte pela primeira vez.

2.4 Por que razão decidiu a Morte que o rapaz deveria morrer?

2.5 Indica o objeto que simbolizava o tempo de vida dos homens.

1. De acordo com a informação que ouviste, classifica cada afirmação como verdadeira ou falsa, apresentando uma alternativa verdadeira para as frases falsas. (10 pontos cada item)

1.1 Em Lisboa vivia-se um período de abundância e os fidalgos eram nobres e honrados.

1.2 No século XVI, a prosperidade do reinado português devia-se às riquezas oriundas do Oriente.

1.3 Há consenso quanto ao local de nascimento de Gil Vicente.

1.4 Por volta de 1502, Gil Vicente frequenta a corte e mais tarde será mentor de D. Manuel.

1.5 Segundo o locutor, Branca Bezerra desconfia de que Gil Vicente abandonará a arte da ourivesaria.

1.6 Gil Vicente escreve *O monólogo do vaqueiro* em honra de D. Manuel.

1.7 *O monólogo do vaqueiro* foi escrito em verso por Gil Vicente.

1.8 Gil Vicente apresenta a sua primeira peça, de um único ator, no dia do nascimento do herdeiro do trono.

1.9 Segundo o locutor, as personagens de Gil Vicente tinham nome próprio.

1.10 Gil Vicente não interferia em questões religiosas nem tentava influenciar o rei.

Antes de iniciares a audição, lê o questionário. Em seguida, ouve atentamente a narrativa e responde às perguntas.

(12,5 pontos cada item)

1. Completa as afirmações, selecionando a alternativa correta.

1.1 No início da narrativa, D. Catarina de Bragança parece ansiosa devido ao facto de

- a)** o neto já ter nascido.
- b)** não saber se o parto já começara.
- c)** querer saber como estava a correr o parto.
- d)** não saber onde se encontrava a aia.

1.2 D. Sebastião nasceu durante o

- a)** outono do século XV.
- b)** inverno do século XVI.
- c)** outono do século XVI.
- d)** inverno do século XV.

1.3 O pai de D. Sebastião

- a)** desaparecera.
- b)** morrera há mais de seis meses.
- c)** morrera há exatamente um mês.
- d)** morrera há menos de um mês.

1.4 D. Sebastião era chamado «o desejado» porque

- a)** os pais ansiavam um filho.
- b)** era o primeiro neto.
- c)** seria o herdeiro do trono.
- d)** a mãe não poderia ter mais filhos.

1.5 Seria a primeira vez na História de Portugal que

- a)** o filho abdicava do trono.
- b)** o herdeiro do trono não conheceria o pai.
- c)** seria um neto a herdar o trono.
- d)** o trono ficaria sem herdeiro.

2. Responde às questões de forma breve.

2.1 Por que razão herdaria D. Sebastião o trono?

2.2 Qual foi a atitude tomada perante a ausência de leite de D. Joana de Áustria?

2.3 Indica três características das amas da época.

Antes de iniciares a audição da entrevista, lê o questionário. Em seguida, ouve atentamente a gravação e responde às perguntas. **(12,5 pontos cada item)**

1. Completa as afirmações, seleccionando a alternativa correta.

1.1 O título do projeto anunciado nesta entrevista é uma frase

- a)** declarativa, com a função de dar uma informação.
- b)** imperativa, com o objetivo de fazer um apelo.
- c)** interrogativa, com a função de chamar a atenção para um problema.
- d)** imperativa, com o objetivo de dar uma ordem.

1.2 Inicialmente, a reação do público perante a possibilidade de adotar uma pradaria marinha é de

- a)** aceitação imediata.
- b)** estranheza.
- c)** incredibilidade.
- d)** euforia.

1.3 Este projeto é coordenado

- a)** por uma universidade.
- b)** pelo Ministério da Ciência.
- c)** por uma escola.
- d)** pelo Instituto de Ciências do Mar

1.4 A especificidade das pradarias marinhas reside no facto de serem constituídas por plantas

- a)** móveis, que produzem flores e frutos.
- b)** fixas no local, que não produzem flores e frutos.
- c)** móveis, que não produzem flores e frutos.
- d)** fixas no local, que produzem flores e frutos.

2. Indica qual é a única frase falsa de acordo com a entrevista.

- a)** Os pais adotivos são obrigados a angariar outros associados.
- b)** Quem adota uma pradaria marinha tem o dever de alertar as autoridades competentes.
- c)** Para proteger as pradarias é necessário que as populações as conheçam.
- d)** Este projeto tem uma importância fundamental para a proteção da biodiversidade marinha.

3. Responde às questões de forma breve.

3.1 Por que razão é positivo o facto de as pessoas não saberem imediatamente o que é uma pradaria marinha?

3.2 O tema deste projeto suscita curiosidade. Porquê?

3.3 A que conclusão chegaram os cientistas após um primeiro projeto com pradarias marinhas?

Antes de iniciares a audição, lê o questionário. Em seguida, ouve atentamente a informação **(6,5 pontos cada item)** e responde às perguntas.

1. De acordo com a informação que ouviste, classifica cada afirmação como verdadeira ou falsa, apresentando uma alternativa verdadeira para as frases falsas.

1.1 Um dos objetivos do concurso «Praias de Portugal» é incentivar a proteção da qualidade ambiental.

1.2 Este concurso poderá ter consequências na escolha de Portugal como rumo turístico.

1.3. Do conjunto de praias portuguesas foram eleitas sete pré-finalistas.

1.4 As praias serão eleitas por um júri internacional.

1.5 Suave mar é uma das praias referidas pelo locutor.

1.6 Raul Brandão observou os pescadores numa praia para escrever um livro.

1.7 As praias da costa portuguesa inspiraram poetas e escritores.

1.8 As palavras «Vive-se extasiado e embebido em azul, no meio do mar azul, no meio do mar verde, no meio do mar dramático.» são da autoria do locutor.

1.9 A praia cantada por Zeca Afonso foi a praia do Baleal.

1.10 Em Esposende, Ruy Belo escreveu «A morte da água».

2. Responde às questões de forma breve.

2.1 Qual foi o primeiro aspeto das Berlengas que atraiu Raul Brandão?

2.2 Indica uma razão pela qual Raul Brandão elegeu a praia do Baleal como a mais linda praia portuguesa.

2.3 Que cores do mar são destacadas pelo locutor?

2.4 Indica duas categorias dentro do concurso «Sete maravilhas – praias portuguesas» referidas pelo locutor.

2.5 No final, o locutor quer procurar algo numa das praias. Indica o objeto dessa procura.

2.6 Por que razão quer o locutor encontrar esse objeto?

Cenários de resposta

Teste 1 (páginas 2 a 9)

GRUPO I

Parte A

1. a) 4; b) 2; c) 1; d) 2; e) 3; f) 4; g) 1; h) 2; i) 3; j) 3.

2.1 a). 2.2 c). 2.3 b). 2.4 a).

3. «Cinco livros de que também gosto particularmente e que, mais tarde ou mais cedo (alguns deles, muito em breve), vão ter edição portuguesa.»;

«Na impossibilidade de recomendar o mais precioso livro de viagens que existe na minha biblioteca - Imagens da Grécia, de Maria Madalena Monteiro (...)».

4. a) Verdadeira; b) Verdadeira; c) Falsa. A crónica não está dependente da atualidade, pois não tem como objetivo informar, e a linguagem pode ser subjetiva; d) Falsa. A reportagem é um texto longo e a linguagem é por vezes subjetiva; e) Verdadeira; f) Falsa. A publicidade pode ter uma função comercial ou institucional.

Parte B

5. A crónica foi motivada por uma viagem de cerca de um mês a Itália, realizada pelo narrador e pelo seu avô, que se tornou o acontecimento mais importante da sua vida.

6. Pretérito imperfeito do indicativo: «guiava», «fingia», «fazia». O narrador transporta-nos através do pensamento para uma época passada, descrevendo o que então era presente. Também pode ser considerado o uso do imperfeito com valor afetivo, para relatar acontecimentos que permanecem na memória.

7. O entusiasmo do narrador é sobretudo visível através do detalhe com que relata todos os passos da viagem, presente, por exemplo na forma como relata a condução imaginária do carro do avô com o seu volante de plástico.

8. Em primeiro lugar, neste parágrafo é evidente que se trata de uma criança porque imagina que seria possível o avô virar a torre Eiffel com a mesma facilidade com que viraria um pisa-papéis. Em segundo lugar, quando receia que o castigo por ter afastado o avô fosse oferecê-lo ao marido da costureira como bibelô.

9. O facto de o narrador fazer uma viagem imaginária de triciclo até Pádua revela a sua criatividade. Por outro lado, o modo como narra o abraço do avô, afirmando que nunca ninguém o abraçara assim, traduz o seu caráter afetivo.

Parte C

10. Resposta pessoal.

GRUPO II

11. a) *lindamente* – valor de modo; *sempre* – valor de tempo; *tão* – valor de intensidade e grau; b) *em cima*; c) *loiro* – adjetivo qualificativo; d) *Portugal* – nome próprio, masculino, singular; *marido* – nome comum, masculino singular, grau normal; e) *Voltando* – gerúndio; *ficar*: infinitivo; f) *oferecia-me* – terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo; *iria* – primeira pessoa do singular do condicional; *diziam* – terceira pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo; g) *a, em* – preposições simples; *ao, do* – contrações de preposição.

12. Se eu fosse jacaré estava muito rico.

13. *Comprimidíssimos* – grau superlativo absoluto sintético.

14. a) quis; b) houvesse; c) tivesse visto; d) tenha contado.

15. Eu vá, tu vás, ele vá, nós vamos, vós vades, eles vão.

15.1 Verbo irregular *ir*, terceira conjugação.

16. a) 3; b) 2; c) 1; d) 4.

GRUPO III

Resposta pessoal.

Nota: Sugere-se a utilização dos critérios propostos para a correção da prova final de 3.º ciclo.

Teste 2 (páginas 10 a 16)

GRUPO I

Parte A

1.1 c). 1.2 d). 1.3 c). 1.4 b).

2. a) 5; b) 1; c) 2; d) 3.

3.1 Verdadeira.

3.2 Falsa. Os visitantes do museu sorriram devido ao facto de a menina usar o adjetivo pobre para referir personalidades da nobreza.

3.3 Verdadeira.

3.4 Falsa. Para a geração da cronista, as viagens à Lua são perspetivadas como um facto ainda invulgar / maravilhoso.

3.5 Falso. A estranheza da menina deveu-se à ausência de tecnologia naquelas salas.

4. O antecedente é «uma próxima geração lunar».

5. Trata-se de um texto publicado num periódico, o *Diário de Lisboa*, em que a autora apresenta o seu ponto de vista sobre as perspetivas tão diferentes das gerações anteriores (representadas pelas personagens palacianas, pelos visitantes do museu e por ela própria) e a geração atual (representada pela menina).

6. Do ponto de vista da autora da crónica, a atual geração não valoriza o espaço da imaginação, onde habitavam princesas e príncipes, vivendo obcecada pela tecnologia, e exprime essa opinião através de uma ironia: «A miudinha, ali, era porém produto de uma civilização diferente, sem estúpidos e velhos sonhos de palácio, com desejos mais modestos muito mais confortáveis e fabulosos (...)».

Parte B

7. Os inúmeros instrumentos usados por Jacinto para escrever as suas cartas (corta-papéis, aguça lápis, carimbos, folhas de papel *watman*...); os diversos livros que enchem a estante em forma de torre; todos os grandes aparelhos facilitadores de pensamento como a máquina de escrever, os autocopistas, o telégrafo morse...

8. Os aparelhos tinham como função principal facilitar o pensamento e permitir que Jacinto comunicasse com o exterior («os grandes aparelhos, facilitadores do pensamento», «Era o meu amigo comunicando.»).

9. Uma noite, Jacinto quis mostrar o fonógrafo às primas de Pinto Porto, as «amáveis Gouveias», mas este avariou-se, ouvindo-se a frase do Conselheiro repetidamente, com uma sonoridade cada vez mais assustadora, apesar das tentativas frustradas do dono da casa para silenciar o aparelho.

10. As personagens retiraram-se para uma sala distante; tentaram tapar a boca do fonógrafo com uma almofada, mantas e cobertores; refugiaram-se na cozinha e, por fim, fugiram para a rua.

10.1 «enervados», «furiosos» e «espavoridos».

11. O narrador é participante/presente, pois participa na ação, narrando os acontecimentos por vezes na primeira pessoa («eu por vezes surpreendi gotas de sangue do meu amigo»); é subjetivo, pois faz comentários e toma partidos («Mas, inábil ou brusco, certamente desconcertou alguma mola vital - porque de repente o fonógrafo começa a redizer, sem descontinuação, interminavelmente, com uma sonoridade cada vez mais rotunda...»).

12. Narração: «Debalde Jacinto, pálido, com os dedos trémulos, torturava o aparelho.»; «Furiosos, enterramos uma almofada na boca do fonógrafo, atirámos por cima mantas, cobertores espessos, para sufocar a voz abominável.»

Descrição: «A sua cadeira, grave e abacial, de couro, com brasões, datava do século XIV, e em torno dela pendiam numerosos tubos acústicos, que, sobre os painelamentos de seda cor de musgo e cor de hera, pareciam serpentes adormecidas e suspensas num velho muro de quinta.»

«Nunca recordei sem assombro a sua mesa, recoberta toda de sagazes e subtis instrumentos para cortar papel, numerar páginas, colar estampilhas, aguçar lápis, raspar emendas, imprimir datas, derreter lacre, cintar documentos, carimbar contas!»

Monólogo: «– Maravilhosa invenção! Quem não admirará os progressos deste século?»

Parte C

13.1 Tópicos importantes para a resposta:

A mãe do narrador compra uma galinha de barro que a irmã inveja, acabando por comprar uma também. A tia convence-se de que a sua galinha tem um defeito, acabando por provocar a troca das galinhas.

- A tia é desconfiada e conflituosa, uma vez que cobiça de imediato a galinha da irmã, pois considera-a mais perfeita, apesar de o objeto ser exatamente igual. Inicia-se então uma discussão, acabando a mãe do narrador por condescender, pois é mais amável e não gosta de conflitos.

- A zanga acaba por alastrar-se a toda a aldeia, provocando uma divisão entre os habitantes, o que de certo modo evidencia o ridículo da situação, uma vez que tudo começou a partir de uma galinha de barro.

- O narrador defende a atitude dos pais por considerar que é a mais tolerante. Essa posição é compreensível porque a tia revela-se ainda mais mesquinha quando, no final do conto, após a morte da mãe do narrador, pede ao sobrinho que troque as galinhas, mas volta a considerar que ficaria a perder com a troca, e acaba por levar a mesma galinha que trouxera.

- Através de uma linguagem irónica e divertida, este conto encerra uma moral, pois critica a avaréza e a mesquinhez dos seres humanos que originam, por vezes, conflitos longos e desnecessários e perturbam a paz e a concórdia.

13.2 Tópicos importantes para a resposta:

- Comentário da Mariana: «Serve sublimemente leal»; Comentário do Tiago: «Lá estava Muda e hirta.»

- A aia troca os bebés, colocando o seu filho no berço magnífico do príncipe e o herdeiro do reino no berço pobre de verga do escravozinho, ato que permitiria salvar o reino.

- A aia é determinada, corajosa, leal...

Por exemplo: a interrogação retórica «Quem o salvará? Quem?...» que transmite o espanto da população...

GRUPO II

14. a) **travessão**: introduzir a fala da personagem;

ponto de interrogação: assinalar a admiração da personagem; b) **dois pontos**: introduzir uma explicação;

c) **vírgulas**: separar os modificadores do grupo verbal;

d) **parênteses**: introduzir uma informação adicional sobre a personagem; **vírgulas**: separar uma enumeração.

15. Exemplos:

a) Jacinto, desliga o fonógrafo.

b) Quando as amáveis Gouveias fugiram, o som era insuportável.

16. O conselheiro Pinto Porto dizia que aqueles aparelhos eram uma maravilhosa invenção e perguntava (também) quem não admiraria os progressos daquele século.

17. a) vários – quantificador; os – determinante; b) o – pronome; c) cujo – determinante; d) Quem – pronome; daquele – determinante; e) um – determinante; que – pronome.

17.1 a) os – determinante artigo definido; b) O – pronome pessoal; c) cujo – determinante relativo; d) Quem – pronome interrogativo; daquele – determinante demonstrativo; e) um – determinante artigo indefinido; que – pronome relativo.

18. *silenciosamente* - valor de modo.

19. *desejando* – gerúndio; *admirassem* – pretérito imperfeito do conjuntivo; *fez* – pretérito perfeito do indicativo.

19.1 *desejar* – verbo regular, 1.ª conjugação;

admirar – verbo regular, 1.ª conjugação;

fazer - verbo irregular, 2.ª conjugação.

20. Sujeito simples.

GRUPO III

Resposta pessoal.

Nota: Sugere-se a utilização dos critérios propostos para a correção da prova final de 3.º ciclo.

Teste 3 (páginas 17 a 23)

GRUPO I

Parte A

1. e), b), c), f), d), a), g).

2.1 b). 2.2 c). 2.3 d).

3. b).

Parte B

4. Através de uma atitude marcada pela altivez e arrogância, o Fidalgo revela receio de embarcar no batel do Diabo, pois o Anjo não lhe responde e ele está convencido de que merece ser conduzido ao destino desejado.

5. O Anjo não permite a entrada da personagem na sua barca. Para defender a sua posição, apresenta como argumentos a tirania demonstrada pelo Fidalgo perante os mais desfavorecidos («cuidando na tirania/ do pobre povo queixoso..», vv. 35-36) e a vaidade evidenciada ao longo da vida («a cadeira entrará/ e o rabo caberá / e todo o vosso senhorio», vv. 30-32). Assim, mostra que o Fidalgo não se pautou, ao longo da vida, por princípios como a generosidade e a humildade, essenciais para quem quer ser recebido no Paraíso.

6. O recurso expressivo presente na fala do Diabo é um eufemismo. Ironicamente, o Diabo pretende indicar o destino do Fidalgo, o Inferno.

7. O Fidalgo apresenta como argumentos para impedir o embarque no batel do Diabo a dedicação amorosa da sua amante, os lamentos perante a sua morte e as cartas que lhe escrevia. O Diabo contra-argumenta apresentando o amor dedicado como uma mentira, referindo a traição conjugal e a hipocrisia da falsa prática religiosa.

8. *De entre os três tipos de cómico apresentados na resposta, pretende-se que o aluno identifique dois.* É utilizado o cómico de linguagem, por exemplo, quando o Fidalgo chega à barca do Anjo («Que giricocins, salvaror!», v. 7) ou quando o Anjo afirma «e o rabo caberá» (v. 31). Por outro lado, surge o cómico de carácter, que é evidenciado pelos elementos materiais que acompanham o Fidalgo, referidos pelo Anjo. Por último, o cómico de situação gera-se devido à relutância do Fidalgo em entender o seu destino, apesar de todas as evidências.

9. Tal como as outras personagens, o Fidalgo corresponde a um tipo social, representando a nobreza, cujos símbolos são a cadeira, o pajem e o manto. Convencida de que mereceria o paraíso com base no seu estatuto social, esta classe representa a tirania, a vaidade e o desprezo pelos desfavorecidos.

Parte C

10. Resposta pessoal.

GRUPO II

11. 2.ª pessoa do plural do imperativo.

11.1 Não entreis.

12. Exemplos: As palavras «estoutra», «leixeis», «pera, «nom» são arcaísmos porque são expressões antigas já em desuso.

13. i – aí, pera – para; mi – mim.

13.1 i > aí – prótese

pera> para – assimilação / mi> mim – paragoge

14. a) derivação por sufixação; b) composição morfosintática;

c) parassíntese; d) composição morfológica.

15.1 a). 15.2 c). 15.3 d).

GRUPO III

Resposta pessoal.

Nota: Sugere-se a utilização dos critérios propostos para a correção da prova final de 3.º ciclo.

Teste 4 (páginas 24 a 31)

GRUPO I

Parte A

1. a) d), e), g), f), b), c).

2. a) 5; b) 3; c) 2; d) 6; e) 1; f) 4.

3.1 c). 3.2 d). 3.3 a).

4. d).

4.1 «sua» refere-se a «a escrava Catarina Maria».

Parte B

5. A Alcoviteira mostra-se determinada a não entrar na barca do Diabo e revela arrogância na forma como responde ao arrais do inferno («Nom quero eu entrar lá», v. 8; «O que me convém levar.», v. 12)

6. O recurso expressivo utilizado para indicar os símbolos que acompanham a personagem é a enumeração («Três almários de mentir, e cinco cofres de enlehos e alguns furtos alheos, assi em joias de vestir, guarda-roupa d'encobrir», vv. 17-21). Os objetos que acompanham Brísida Vaz simbolizam os pecados da classe profissional que esta representa, as alcoviteiras, isto é, o engano, a mentira, a feitiçaria, a intriga, o roubo e a prostituição.

7. Exemplos: o facto de ter suportado muitos tormentos e o facto de converter raparigas, que entregava aos padres. Neste momento, a personagem mostra-se sedutora e lisonjeira, de forma a convencer o Anjo e atingir os seus objetivos.

8. Através destas palavras, a Alcoviteira tenta apresentar um argumento para não embarcar no batel do Diabo, desvalorizando os seus pecados e utilizando os erros dos outros como forma de fuga. Assim, a crítica generaliza-se sendo evidente o principal alvo de Gil Vicente, a sociedade da sua época.

9. Desde o início é notória a atitude determinada do Anjo em rejeitar a presença da Alcoviteira quando afirma «Eu não sei quem te cá traz...» (v. 43). Por outro lado, o Anjo é direto, utilizando frases imperativas, de modo a deixar bem claro que Brísida Vaz não é merecedora de ser recebida na sua barca («Ora vai lá embarcar»; «que nom podes ir aqui», vv. 65 e 70).

Parte C

10. Tópicos importantes para a resposta:

- Gil Vicente caracterizava nas suas peças as contradições da sua época.

- Trabalhava para a corte, e as peças respondiam a solicitações efetuadas pelos reis, sendo pago para tal, numa época em que a expansão marítima incentivava ao cosmopolitismo e ao luxo na sociedade portuguesa.

- As peças eram apresentadas na corte ou em espaços ligados às casas reais, assim como em locais religiosos, e assinalavam acontecimentos importantes.

- O dramaturgo desempenhava múltiplas funções dentro da área teatral, pois, para além de escrever as peças, organizava-as, encenava-as e participava como ator.

- O texto da *Copilaçam das obras de Gil Vicente* pelo seu filho e as edições posteriores sofreram alterações significativas, se forem comparados com folhetos publicados durante a vida de Gil Vicente. Esta censura ao texto foi provavelmente fruto do estabelecimento da Inquisição em Portugal.

GRUPO II

11.1 a). 11.2 b). 11.3 c).

12. Palavra composta morfológicamente / composição morfológica. Périplo é neste contexto sinónimo de percurso.

12.1 Um périplo arrepiante, amedrontador, terrível, medonho, etc.

13. a) 2; b) 1; c) 4; d) 3.

14.1 Sujeito. 14.2 Complemento direto.

15.1 com determinação. 15.2 constantemente. 15.3 no batel infernal.

16. a) «Hou lá da barca, hou lá!»

b) «Ora ponde aqui o pé...»

GRUPO III

Resposta pessoal.

Nota: Sugere-se a utilização dos critérios propostos para a correção da prova final de 3.º Ciclo.

Teste 5 (páginas 32 a 39)

GRUPO I

Parte A

1. e); d); b); a); c); h); g); f.

2. a) 4; b) 2; c) 5; d) 1; e) 3.

3.1 a).

Parte B

4. Canto I – Estrofe 19: início da narração (plano da viagem, quando a armada já se encontra a navegar no Oceano Índico); Estrofes 20 a 29: narração (plano mitológico, episódio do Consílio dos Deuses); descrição da organização da reunião e discurso direto de Júpiter.

5. A viagem encontrava-se já a meio («Já no largo Oceano navegavam», est. 19). A jornada corria tranquilamente e as naus navegavam em pleno oceano Índico, cortando os mares com o auxílio dos ventos que faziam inchar as velas. As formas verbais no gerúndio e no pretérito imperfeito do indicativo («apartando», «inchando» e «cortando»; «navegavam», «respiravam» e «mostravam») sugerem o prolongamento da ação.

6. As palavras são «já» e «quando» e estabelecem uma relação de simultaneidade entre os dois planos narrativos.

7. Em primeiro lugar, os deuses são convocados por Júpiter através do mensageiro dos deuses, Mercúrio. Em segundo lugar, deslocam-se ao mesmo tempo pela Via Láctea, abandonando o governo dos sete céus; seguidamente pisam o céu formoso e cristalino e, por fim, todos se reúnem no mesmo espaço. Já no Olimpo os deuses estão organizados de forma hierárquica. Júpiter preside à sessão, identificando-se em seguida os deuses antigos, mais honrados, e mais abaixo dos deuses mais jovens.

8. «Sobre as cousas futuras do Oriente», est. 20, significa aquela reunião tinha como tema o futuro dos portugueses no Oriente, isto é, os deuses iriam decidir se a armada de Vasco da Gama, que já navegava no oceano Índico, chegaria, ou não, ao seu destino, a Índia.

9. Por exemplo: poderoso, magnífico, honrado, sublime, notável, sério, rigoroso, magnífico.

10. O recurso é a comparação e pretende destacar o brilho e a magnificência (grandeza, valor) da coroa e do ceptro de Júpiter.

11. O facto de Júpiter convocar uma reunião no Olimpo para discutir o futuro dos nautas portugueses e a forma como determina que estes sejam acolhidos como amigos na Índia confere um estatuto especial ao herói.

12. Perífrase: «Eternos moradores do luzente, / Estelífero pólo e claro assento.» Refere-se por várias palavras o que poderia ser mencionado de forma mais breve, para apresentar os deuses, destacando o seu poder e divindade.

13. Júpiter utiliza os seguintes argumentos para justificar o valor do herói:

- determinação do destino («fados»), que previa que o povo português superaria os feitos dos heroicos povos da antiguidade (Assírios, Persas, Gregos e Romanos.);
- os feitos passados dos portugueses, nomeadamente as conquistas aos mouros ou aos castelhanos;
- a fama alcançada por Viriato na guerra contra os romanos;
- a coragem revelada no presente ao enfrentarem o mar rumo à Índia em embarcações pouco seguras. (...)

Parte C

14. Tópicos possíveis de resposta:

- Episódio «Consílio dos Deuses»; Baco e Vénus.
- Os dois deuses defendem posições opostas: Baco – contra a empresa portuguesa visto que a fama lusitana faria desaparecer o culto e a glória que o povo de «Nisa» dedicava ao deus do vinho. Vénus – a favor da chegada dos portugueses porque reconhecia neste povo as qualidades do povo romano e porque a língua portuguesa derivava do latim....

Baco revela-se argumentativo e determinado mas também ambicioso; Vénus bela, afetiva e protetora.

GRUPO II

15. a) que Marte usou – oração subordinada adjetiva relativa restritiva; b) que já o conheço de memória – oração subordinada adverbial consecutiva; c) que tinham um dicionário de mitologia – oração subordinada substantiva completiva; d) Embora não tenha acabado a leitura – oração subordinada adverbial concessiva.

16. Exemplos:

a) Logo que (Assim que) Baco se silenciou, Vénus apresentou os seus argumentos; b) Se os portugueses chegarem à Índia, alcançarão o estatuto de heróis. / Caso os portugueses cheguem à Índia; c) Marte discursava de um modo tão convicto que todos o ouviam atentamente.

17.1 d). 17.2 a). 17.3 b). 17.4. c). 17.5 a). 17.6 b).

18. «que leram este episódio»

19. a) 4; b) 1; c) 5; d) 2; e) 3.

20. a) e c) predicativo do sujeito; b) complemento agente da passiva.

21. a) O assunto e o herói do seu canto são apresentados por Camões na Proposição; b) Baco apresentou diversos argumentos aos deuses reunidos; c) As palavras de Júpiter eram ouvidas atentamente por todas as divindades; d) A partir dali, o pai dos deuses decidiria o futuro dos navegadores portugueses.

GRUPO III

Resposta pessoal.

Nota: Sugere-se a utilização dos critérios propostos para a correção da prova final de 3.º Ciclo.

Teste 6 (páginas 40 a 47)

GRUPO I

Parte A

1.1 Falsa. Os viajantes referidos no texto em epígrafe partiram a meio do mês de março e as personagens do texto narrativo principal embarcaram a 30 de novembro.

1.2 Verdadeira.

1.3 Falsa. O narrador chega a Bombaim uma noite antes da data prevista.

1.4 Falsa. Quando chega a Bombaim, o ambiente desperta no narrador a audição e o olfato.

1.5 Verdadeira.

1.6 Falsa. Quando está em Bombaim, o narrador recorda uma viagem que fizera a Veneza muito tempo antes.

1.7 Verdadeira.

2. A expressão realça o facto de o avião não ter o nome de um santo, como acontecia com a nau São Thomé, referida no texto em epígrafe. Destaca-se também a diferença entre os meios de transporte do passado e os do presente, muito mais velozes devido ao desenvolvimento tecnológico. Também pode destacar-se o peso da religião no passado, nomeadamente na época das descobertas.

3.1 a). 3.2 b). 3.3 d). 3.4 a). 3.5 c). 3.6 d). 3.7 b).

4. c).

Parte B

5. Canto VI – Estrofes 70 a 77: plano da viagem. Início do episódio da Tempestade marítima, antes da chegada à Índia.

6. A atitude do mestre da nau é muito cautelosa porque, ao observar o céu para ver o estado do tempo, repara numa nuvem negra e no vento que estava mais forte. Consequentemente, dá uma ordem de alerta e todos os marinheiros aparecem para recolher as velas (« - Alerta, disse, estai, que o vento crece / Daquela nuvem negra que aparece.», est. 70).

7. A primeira consequência da tempestade é a destruição da vela principal pelos ventos: «Não esperam os ventos indinados / Que amainassem, mas, juntos dando nela, / Em pedaços a fazem c'um ruído», est 71).

8. O recurso expressivo utilizado é a personificação («Não esperam os ventos indinados/ Que amainassem, mas, juntos dando nela»), que exprime a força aterradora do vento.

9. Os ocupantes da nau acordam assustados porque a quebra do mastro alagara toda a nau. Os soldados correm para tirar a água, mas são derrubados pela força dos balanços. Três marinheiros tentavam manobrar o leme com a utilização de cordas.

10. A nau de S. Rafael tinha o mastro quebrado ao meio e estava repleta de água. Os marinheiros pediam ajuda a Deus. Ouviram-se gritos desesperados vindos da caravela Bérrio devido ao medo. No entanto, o mestre fora muito prudente, pois ordenara que se recolhesse a vela antes de chegarem os ventos fortes.

As ondas furiosas de Neptuno ora faziam as naus subir, ora descer aos infernos (o movimento das naus é assustador). Parecia que os ventos queriam arruinar a natureza. No céu, viam-se inúmeros raios a iluminar a noite.

11. As aves marinhas cantaram tristemente e levantaram voo. Os golfinhos esconderam-se nas covas marítimas.

12. Resposta pessoal.

Parte C

13. Resposta pessoal.

GRUPO II

14. a) oração coordenada adversativa; b) oração subordinada adverbial causal; c) oração subordinada relativa restritiva.

15. Exemplos:

a) A tempestade ainda não tinha chegado mas o mestre deu ordem de alerta.

b) Os navegadores estavam amedrontados porque o vento era cada vez mais forte.

c) O mestre, que comandava a nau, dava ordens convictas.

16.1 b). 16.2 a). 16.3 b).

17. a) verbo copulativo; b) verbo transitivo direto.

18. O assunto e o herói do seu canto são apresentados por Camões na Proposição.

19. a) contá-la-á; b) fê-lo; c) ajudá-los-ia; d) dedicou-lhos.

GRUPO III

Resposta pessoal.

Nota: Sugere-se a utilização dos critérios propostos para a correção da prova final de 3.º ciclo.

Teste 7 (páginas 48 a 53)

GRUPO I

Parte A

1. d), a), g), b), f), e), c), h).

2. a) Verdadeira; b) Falsa. A explicação surge no 3.º parágrafo, depois da questão colocada ao destinatário; c) Falsa. O autor coloca-se a seguinte questão:

«E que partículas são estas que se perdem constantemente?»; d) Verdadeira.

3.1 c). 3.2 b). 3.3 d). 3.4 b).

Parte B

4. O sujeito poético levanta as seguintes hipóteses

acerca da aparência das nuvens, associando-lhes os seguintes desejos:

- a nuvem parece um cavalo e desejaria montá-lo;
- a nuvem assemelha-se a um barco à vela e desejaria embarcar nele;
- a nuvem transformou-se numa torre amarela que encerra uma donzela e o sujeito deseja ter asas para poder espreitar essa torre.

5. As reticências marcam a suspensão da frase, deixando em aberto a associação de outras formas às nuvens observadas pelo sujeito.

6. A característica das nuvens evidenciada é a mutabilidade (ou capacidade de estar sempre a mudar de forma), que é intensificada pela expressão «já não é».

7. A atitude do sujeito é marcada pela curiosidade e capacidade imaginativa.

8. O entusiasmo do sujeito é evidenciado através:

- da interjeição «Ah!» (v. 3), que confere emotividade e serve para formular um desejo;
- das interrogações, que traduzem a curiosidade face à forma das nuvens;
- da repetição da expressão «Aquele?», que acentua o entusiasmo perante as diversas formas que as nuvens aparentam.

9. O sujeito poético deseja que o lancem ao mar, «donde voam as nuvens», para ir numa delas porque quer tomar mil formas com sabor a sal.

10. Exemplo de resposta:

As nuvens são refúgio de seres imaginários devido às suas formas, ou seja, são elementos do real que despertam a imaginação.

11. O poema é constituído por dois dísticos, um monóstico, dois tercetos, uma quintilha e uma sétima.

11.1. A rima cruzada está presente na quintilha.

11.2. Vá / lan / cem / -me ao / mar – redondilha menor.

Parte C

12. Resposta pessoal

GRUPO II

13. a) ditongo: oi; b) hiato: io; c) grupo consonântico: br.

14. a) ei – ditongo oral, decrescente; b) ão – ditongo nasal decrescente.

15. ei: vogal e, semivogal i; ão: vogal ã, semivogal o.

16. a) polissílabo, palavra aguda; b) trissílabo, palavra grave;

c) trissílabo, palavra grave; d) polissílabo, palavra esdrúxula; e) dissílabo, palavra aguda.

17. a) parte/todo; b) oposição; c) equivalência; d) hierarquia.

17.1 a) merónimo/holónimo; b) antónimos; c) sinónimos;

d) hiperónimo, hipónimo.

18. «donde voam as nuvens».

19. a) *que observam os céus*: modificador do nome restritivo.

b) *brancas leves e suspensas*: modificador do nome apositivo.

20. Por exemplo:

Hoje estou nas nuvens. / Vejo uma nuvem de preocupação no ar.

20.1 Palavra polissémica.

GRUPO III

Resposta pessoal.

Nota: Sugere-se a utilização dos critérios propostos para a correção da prova final de 3.º Ciclo.

Teste de compreensão oral 1 (página 54)

1.1 b). 1.2 b). 1.3 b). 1.4 c). 1.5 d). 1.6 b). 1.7 d). 1.8 b). 1.9 b).

2. Documentar o impacto das alterações climáticas.

Teste de compreensão oral 2 (página 55)

1.1 Falsa. Foi inventado no século XIX.

1.2 Falsa. Alterou totalmente a forma de ouvir música.

1.3 Verdadeira.

1.4 Verdadeira.

1.5 Falsa. Foi efetuada pelo inventor do aparelho. / por Thomas Edison.

1.6 Verdadeira.

1.7 Falsa. Foram feitas no final do séc. XIX, no Porto.

1.8 Falsa. Por ser mais original.

1.9 Verdadeira.

1.10 Verdadeira.

Teste de compreensão oral 3 (página 56)

1.1 c). 1.2 d). 1.3 a). 1.4 d). 1.5 b).

2.1 As condições impostas pela Morte para salvar o doente seriam:

– a morte estar à cabeceira da cama;

– o doente beber o chá de ervas dado pela morte ao médico.

2.2 A morte tinha decidido que o rei morreria, pois estava aos pés da cama.

2.3 As riquezas que ganharia se salvasse o rei.

2.4 Porque já lhe dera uma hipótese de salvação ao não castigá-lo depois de este decidir salvar o rei contra a sua vontade.

2.5 A vela.

Teste de compreensão oral 4 (página 57)

1.1 Falsa. onde habitavam fidalgos «de pacotilha» / grosseiros / sem honra.

1.2 Verdadeira.

1.3 Falsa. Há referência a três locais possíveis para o nascimento de Gil Vicente: Guimarães, um local perto de Mangualde e Évora.

1.4 Verdadeira.

1.5 Verdadeira.

1.6 Falsa. Gil Vicente escreve *O monólogo do vaqueiro* por ocasião do nascimento de D. João III.

1.7 Verdadeira.

1.8 Verdadeira.

1.9 Falsa. Segundo o locutor, as personagens de Gil Vicente eram tipos sociais.

1.10 Falsa. Gil Vicente tenta interferir junto do rei para impedir a instauração da Inquisição em Portugal.

Teste de compreensão oral 5 (página 58)

1.1 c). 1.2 b). 1.3 d). 1.4 c). 1.5 c).

2.

2.1 Porque os nove filhos de D. João III e D. Carlota Joaquina tinham falecido, inclusive o pai de D. Sebastião.

2.2 Procuraram uma ama para amamentar o infante.

2.3 Robusta, mãe recente, que iria transferida para a corte a fim de amamentar o futuro rei.

Teste de compreensão oral 6

1.1 b). 1.2 b). 1.3 a). 1.4 d).

2. a).

3.1 É um mote para iniciar a conversa.

3.2 As pessoas estão habituadas a ouvir falar de adoção de animais, mas não de plantas no fundo do mar. / As pessoas conhecem as algas, mas não as pradarias marinhas.

3.3 Chegaram à conclusão que todas as pradarias da costa portuguesa estavam a desaparecer ou já tinham desaparecido.

Teste de compreensão oral 7

1.1 Verdadeira.

1.2 Verdadeira.

1.3 Falsa. Foram pré-selecionadas 70 praias.

1.4 Falsa. Serão eleitas por voto popular.

1.5 Verdadeira.

1.6 Falsa. Raul Brandão foi observando as praias para escrever o seu livro *Os Pescadores*.

1.7 Verdadeira.

1.8 Falsa. São uma citação do escritor Raul Brandão.

1.9 Foi a praia de Odeceixe.

1.10 Verdadeira.

2.1 Aquelas três nuvens pousadas sobre o mar.

2.2 Porque é rocha desligada da costa / a rocha é uma ossada, que parece o último vestígio da Atlântida / porque sai do mar azul a escorrer azul / porque está presa à terra por um fio de areia...

2.3 Azul e verde.

2.4 Praias urbanas, praias desportivas, praias de arribas, praias selvagens.

2.5 A pedra do Alves.

2.6 Para, a partir dali, observar o mar e o céu em todo o seu esplendor.

